



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE MEDICINA DA BAHIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SAÚDE, AMBIENTE E TRABALHO -
PPGSAT

LUZINETE OLIVEIRA SALES

EXPERIÊNCIAS DE PROFESSORES COM PROBLEMAS DE SAÚDE
RELACIONADOS AO EXERCÍCIO DA DOCÊNCIA NO MUNICÍPIO DE
SÃO MIGUEL DAS MATAS, BAHIA

Salvador
2018

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Universitário de Bibliotecas (SIBI/UFBA).

Sales, Luzinete Oliveira

Experiências de professores com problemas de saúde relacionados ao exercício da docência no município de São Miguel das Matas, Bahia / Luzinete Oliveira Sales. -- Salvador, 2018.

90 f.

Orientadora: Profa. Dra. Maria do Carmo Soares de Freitas.
Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Saúde, Ambiente e Trabalho -- Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Medicina da Bahia, 2018.

1. Experiências de professores - Adoecimento. 2. Professores com problemas de saúde. 3. Rede Pública de Ensino. 4. Ensino Fundamental e Médio. I. Freitas, Maria do Carmo Soares de Freitas. II. Título.

LUZINETE OLIVEIRA SALES

**EXPERIÊNCIAS DE PROFESSORES COM PROBLEMAS DE SAÚDE
RELACIONADOS AO EXERCÍCIO DA DOCÊNCIA NO MUNICÍPIO DE SÃO
MIGUEL DAS MATAS, BAHIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Saúde, Ambiente e Trabalho da Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Saúde Coletiva.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Maria do Carmo Soares de Freitas.

Salvador
2018

LUZINETE OLIVEIRA SALES

EXPERIÊNCIAS DE PROFESSORES COM PROBLEMAS DE SAÚDE RELACIONADOS AO EXERCÍCIO DA DOCÊNCIA NO MUNICÍPIO DE SÃO MIGUEL DAS MATAS, BAHIA

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do grau de Mestre em Saúde Coletiva, Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia.

Aprovada em 09 de Maio de 2018.

Banca Examinadora

Maria do Carmo Soares de Freitas – Orientadora

Doutora em Saúde Coletiva pela Universidade Federal da Bahia.

Universidade Federal da Bahia.

Carlos Eduardo Soares de Freitas

Doutor em Sociologia pela Universidade de Brasília, UnB.

Universidade do Estado da Bahia.

Elizeu Clementino de Souza

Doutor em Educação pela Universidade Federal da Bahia.

Universidade do Estado da Bahia

Dedico este trabalho às professoras colaboradoras que, mesmo enfrentando problemas de saúde, não deixam de contribuir para a educação.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Margarida e Manoel (*in memoriam*), pelo exemplo de Amor.

Aos meus queridos irmãos, pela atenção e apoio, com gestos de bondade e carinho.

Aos meus sobrinhos, pelo carinho e alegria presentes nos sorrisos e abraços.

Aos meus amigos, que contribuíram de alguma maneira e compreenderam o meu silêncio e distanciamento, muitas vezes, neste período.

À minha orientadora, professora Dr^a M^a. do Carmo, por aceitar o desafio e conduzir a orientação com muita dedicação, compromisso e compreensão.

Aos professores do PPGSAT, por contribuírem no meu processo de aprendizagem.

Aos componentes da Banca Examinadora, pela contribuição neste trabalho.

Aos colegas do mestrado pela partilha de aprendizado, alegrias e aflições.

Às Secretarias de Educação e Saúde do município de São Miguel das Matas, pela anuência para a realização da pesquisa.

À direção do Colégio Estadual Aldemiro Vilas Boas, de São Miguel das Matas, pela anuência para a pesquisa.

Às professoras do Ensino Fundamental e Médio do município de São Miguel das Matas, que consentiram a participação neste estudo, com a disponibilidade para as entrevistas.

À CAPES, pela concessão da bolsa.

RESUMO

O trabalho docente é caracterizado por diversas funções atribuídas aos professores, desde o planejamento pedagógico na escola, atividades extraclasse, relação com alunos, gestão escolar, família de alunos e a comunidade. Neste contexto, na maioria das vezes, os docentes se encontram desassistidos, com precárias condições de trabalho e falta de reconhecimento da gestão e da sociedade em geral. Deste modo, além do adoecimento observa-se a desvalorização profissional o que gera insatisfação nesses trabalhadores. O presente estudo objetiva analisar os significados atribuídos por professoras aos problemas de saúde vivenciados durante o exercício da docência na rede pública de Ensino Fundamental e Médio no município de São Miguel das Matas, Bahia. Trata-se de um estudo de abordagem qualitativa com entrevistas narrativas e utiliza a teoria da hermenêutica de Paul Ricoeur para entender estes significados. As professoras experienciam os problemas de saúde como uma limitação, tanto no trabalho como na vida de modo geral e buscam meios paliativos para continuarem suas atividades.

Palavras-chaves: Trabalho docente, Ensino Fundamental e Médio, experiência, professores, problemas de saúde.

ABSTRACT

The teaching work is characterized by several functions attributed to the teachers, from pedagogical planning in the school, extraclass activities, relationship with students, school management, student family and community. In this context, for the most part, the teachers are unassisted, with poor working conditions and lack of recognition of management and society in general. Thus, in addition to illness, professional devaluation is observed, which causes dissatisfaction among these workers. The present study aims to analyze the meanings attributed by teachers to the health problems experienced during the teaching exercise in the public elementary and middle schools in the municipality of São Miguel das Matas, Bahia. This is a qualitative approach with narrative interviews and uses Paul Ricouer's theory of hermeneutics to understand these meanings. Teachers experience health problems as a limitation, both at work and in life in general, and seek palliative means to continue their activities.

Key words: Teaching work, Elementary and secondary education, experience, teachers, health problems.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 O TRABALHO DOCENTE E O ADOECIMENTO	14
1.1 PROBLEMAS DE SAÚDE MAIS PREVALENTES NOS PROFESSORES DA REDE PÚBLICA DO ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO NO BRASIL	14
1.2 CONDIÇÕES E ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO DOCENTE E O ADOECIMENTO DO PROFESSOR	18
1.3 EXPERIÊNCIA E SIGNIFICADO DE ADOECIMENTO/ ENFERMIDADE	21
2 O MUNICÍPIO DE SÃO MIGUEL DAS MATAS E A EDUCAÇÃO PÚBLICA MUNICIPAL	25
3 A METODOLOGIA PARA A PESQUISA	27
4 CONHECENDO UM POUCO SOBRE AS COLABORADORAS DESTE ESTUDO	29
ARTIGO I	33
INTRODUÇÃO	35
METODOLOGIA	36
RESULTADOS E DISCUSSÃO	38
CONCLUSÃO	49
REFERÊNCIAS	50
ARTIGO II	54
INTRODUÇÃO	56
METODOLOGIA	57
RESULTADOS E DISCUSSÃO	59
CONCLUSÃO	71
REFERÊNCIAS	72
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	75

REFERÊNCIAS GERAIS	76
APÊNDICES	83
Apêndice A – Roteiro da entrevista narrativa para as professoras do Ensino Fundamental e Médio	83
Apêndice B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	84
ANEXOS	87
Anexo A - Parecer consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa	87
Anexo B – Comprovante submissão de artigo	90

INTRODUÇÃO

O trabalho docente, nas últimas décadas, tem sofrido transformações diante da reestruturação promovida pela nova regulação das políticas educacionais. É marcado pelas conquistas decorrentes de lutas com o objetivo de implementar novas ideias para um contexto diferenciado de ensino. Neste sentido, visa mudanças relacionadas à gestão e às condições de ensino com base na descentralização pedagógica. Entretanto, a conjuntura educacional brasileira apresenta um déficit relacionado às questões de saúde dos docentes e às condições de trabalho desta categoria (MARIANO & MUNIZ, 2006).

No exercício da docência estão presentes fatores que podem causar desgastes e sofrimento na vida dos profissionais, podendo comprometer a saúde física e mental. Alguns ligados às condições do trabalho como sobrecarga, falta de autonomia, deficiência de materiais e recursos didáticos. Também relacionados às condições ambientais de trabalho como: instalações insuficientes, temperaturas elevadas e mobiliários inadequados (BATISTA et al, 2010).

O professor, muitas vezes, vivencia a solidão, no sentido da relação ensino-aprendizagem, com responsabilidades frente ao aprendizado dos alunos. Sem o apoio das famílias, da sociedade, bem como dos gestores que contribuam, no sentido de amenizar as dificuldades do docente, diversos problemas de saúde podem surgir mediante o processo de trabalho. Distúrbios psíquicos, osteomusculares e vocais são os que mais acometem os professores durante o trabalho docente (FREITAS & FACAS, 2013).

Mesmo com o esforço por parte dos professores, a fim de corresponder às suas obrigações, a profissão é constantemente desvalorizada, seja por parte dos estudantes, das famílias e da sociedade. Neste sentido, as situações desgastantes ocasionadas pelos discentes são sempre referenciadas ao professor como o responsável (KARMANN & LANCMAN, 2013). Os docentes podem experimentar sentimentos desagradáveis como a desmotivação, desânimo e produzir angústia e cansaço entre outras dificuldades, que favorece o surgimento de sintomas e do processo de adoecimento/enfermidade nestes profissionais como veremos mais adiante.

Os estudos sobre a experiência de adoecimento tem se destacado nos últimos anos. Para Arthur Kleinman há diferenças culturais entre illness e disease, sendo estes termos usados para descrever diferentes fenômenos, embora estejam relacionados à doença e adoecimento. Disease está relacionado a alterações referentes à estrutura e

funcionamento de órgãos e sistemas do corpo, descritas a partir de uma observação externa a fim de conhecer e intervir. O termo *illness* é interpretado como doença relacionado à experiência dos sintomas e do sofrimento, enquanto linguagem *êmica* ou a explicação voltada para o sentido do senso comum (KLEINMAN, 1988). Neste sentido, compreende a subjetividade e a intersubjetividade do indivíduo e a maneira pela qual ele vivencia, significa, interpreta e compartilha sentidos.

Para Alves (1993) as experiências diversas fazem gerar diferentes conhecimentos que podem ser modificados com o tempo e o espaço em que os indivíduos se encontram. Eles atribuem significados às suas aflições e sofrimentos de acordo com suas interpretações relacionadas à determinada experiência de adoecimento resultante das circunstâncias sociais. Desta maneira, o significado de tal experiência não é construído de forma isolada, mas a partir da interpretação assimilada na vida cotidiana. É atribuído pelo indivíduo à sua experiência de adoecimento ou sofrimento e legitimado socialmente através da representação por meio de vocabulários específicos.

Os indivíduos atribuem significados às suas experiências de adoecimento e exprimem, revelam e compartilham com outras pessoas as suas aflições. Uma experiência individual e subjetiva do corpo se constitui em realidade social. Isso pode se dar através de metáforas contidas em um discurso narrativo que os indivíduos organizam para falar de suas experiências subjetivas. Assim, tal experiência inicia com a subjetividade de sensações corporais ou mentais com o complemento de um significado à percepção do mal estar. Desse modo, as experiências subjetivas, para serem compreendidas devem estar baseadas em uma significação e uma interpretação (ALVES e RABELO, 1995; MINAYO, 2000).

Ferreira (1994) menciona que os indivíduos experimentam as sensações corporais e são capazes de expressarem as mensagens do corpo por meio da busca de uma determinada significação. Isto depende de cada grupo em determinado meio. O corpo pode se tornar uma base de signos, ou seja, uma base para qualquer fenômeno gerar significação. Neste aspecto, por meio das mensagens emitidas pelo corpo, os sintomas experienciados levam a diversos significados.

Para Separavich e Canesqui (2016) a experiência do adoecimento pode ser mudada com o tempo e conforme o meio decorrente das condições de saúde e de vida do indivíduo. O seu relato está voltado para as interpretações situadas entre a relação

social e as opiniões dos indivíduos. Pode estar relacionada com um período da vida do indivíduo que sofre, não estando expressa de maneira definitiva na sua vida.

O sofrimento é um tema que tem se destacado nas pesquisas voltadas à saúde do trabalhador. É caracterizado como um transtorno psíquico menor no indivíduo em processo transitório entre a saúde e a doença. Está relacionado com a subjetividade, como parte integrante desta. Entende-se a subjetividade como um aspecto interno do indivíduo que inter-relaciona com um mundo real externo. A sua análise pode viabilizar a compreensão dos significados atribuídos pelos trabalhadores às experiências de trabalho. Para que um indivíduo não seja acometido por uma doença mental é necessário detectar precocemente os distúrbios psiquiátricos menores. Assim, a prevenção pode ser relacionada à realização de umnexo causal, a fim de evitar os sofrimentos psíquicos causados no dia a dia do trabalho (BRANT e MINAYO-GOMEZ, 2011).

Este trabalho se justifica pelo interesse da autora por ter atuado no exercício da docência no município em estudo e conhecer professores que têm vivenciado desafios no processo de trabalho os quais provocam o surgimento de problemas de saúde nesta categoria profissional. Há pressupostos sobre o desconhecimento de docentes em relação a uma referência que contribua para a prevenção e promoção da saúde no exercício da docência. O contexto de trabalho nem sempre oferece condições favoráveis ao docente, o que pode contribuir para o desencadeamento de sintomas relacionados a aspectos físicos e psíquicos, visto que há pressões e sobrecarga no processo das atividades laborais.

Deseja-se que o presente estudo possa contribuir para ampliar o conhecimento e a sensibilização dos gestores locais, a fim de discutir a criação de estratégias voltadas para a prevenção e promoção da saúde dos professores para que possam ter melhor qualidade de vida. Também, oferecer indícios sobre a valorização do trabalho docente através da escuta das falas destes profissionais, principalmente no que tange ao processo saúde-doença, considerando as experiências destes docentes e a significação que eles atribuem aos problemas de saúde no trabalho. Desse modo, é importante entender como os professores do Ensino Fundamental e Médio da rede pública do município de São Miguel das Matas convivem com seus problemas de saúde durante o processo de trabalho.

1 O TRABALHO DOCENTE E O ADOECIMENTO

1.1 PROBLEMAS DE SAÚDE MAIS PREVALENTES NOS PROFESSORES DA REDE PÚBLICA DO ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO NO BRASIL

O docente faz parte de uma das categorias profissionais que se encontra muito exposta a diversas dificuldades no contexto de trabalho. São muitas as condições desfavoráveis de trabalho as quais exigem excesso de esforço físico e psíquico por parte do docente (SILVANY NETO et al, 2000). Neste sentido, pode ocorrer um esgotamento da saúde destes profissionais, provocando o surgimento de certos distúrbios. Portanto, os problemas que ocorrem com maior frequência em docentes e que estão associados ao contexto do trabalho, estão classificados em três grupos: osteomusculares, vocais e psíquicos (ARAÚJO e CARVALHO, 2009).

Em um estudo com 126 docentes do ensino fundamental da rede pública municipal na cidade de Maceió, os resultados evidenciaram 87,3% de ocorrência de disfonia em algum momento da vida docente. Dentre os que apresentaram este sintoma, 53,17% relataram presença de disfonia eventual, 28,57%, frequente e 5,56% referiram a disfonia constante (ALVES, ARAÚJO e XAVIER NETO, 2010). A alta prevalência foi relacionada à carga horária de quarenta horas semanais de trabalho. Outros achados em estudo similar realizado com 967 docentes da educação básica em Londrina, confirmaram 25,7% dos docentes com problemas vocais pela carga horária igual ou maior que quarenta horas semanais e com a quantidade excessiva de alunos em sala de aula (FILLIS et al., 2016).

Souza et al., (2011) em pesquisa feita com professores de todas as escolas da rede pública municipal de ensino de Salvador, com um total de 4.495 docentes, com tempo médio de 14,3 anos de serviço, encontraram 18,9% dos professores com diagnóstico médico relacionado a patologias de pregas vocais em decorrência do esforço diário da voz nas atividades da docência. Principalmente, aqueles que trabalham mais de um turno e em um período maior de sete anos na docência com o uso da voz de maneira intensiva. Também, em um estudo com 317 professores da rede pública estadual do município de Cuiabá, 81% dos profissionais possuíam distúrbios de voz, sendo o uso intensivo da voz a principal causa, na maioria deles (VALENTE, BOTELHO & SILVA, 2015).

Com uma carga horária extensa de aulas, o professor exige muito de sua voz, seja diante da exposição de um assunto para a classe, durante a correção e explicação de atividades ou chamando atenção de alunos dispersos. Com uma exigência maior, a tendência é haver um maior desgaste da saúde vocal.

Os professores muitas vezes dão aula usando uma voz mais alta como um mecanismo de controle da disciplina, pois muitas classes possuem números excedentes de alunos e de diversos comportamentos. O ambiente de trabalho com a presença de alguns fatores, como a presença de ruído elevado, poeira e variações de temperatura, também favorece a ocorrência de distúrbios de voz (FILLIS et al, 2016; VALENTE, BOTELHO & SILVA, 2015).

Um estudo realizado por Grillo e Penteado (2005), com 120 professores de Ensino Fundamental das Escolas Estaduais e Municipais da Região de Ribeirão Preto, mostrou que 40% dos professores pesquisados têm dificuldade de falar com voz mais alta na sala de aula, o que é necessário por conta do ambiente ruidoso. Logo, exige um esforço maior, tendo que respirar várias vezes enquanto fala. Apesar disso, 49,2% dos que apresentaram disfonia afirmaram ter uma voz boa. Um fator que pode impedir a auto avaliação da voz é a dificuldade que o professor tem de entender que ele é um profissional da voz, pois muitas vezes, esta não é considerada um instrumento de trabalho. Assim, mesmo diante de uma percepção sobre os problemas no uso da voz, muitos sentem dificuldades de entender os impactos de tais problemas na docência.

Jardim, Barreto e Assunção (2007) ao investigar sobre os fatores associados à pior qualidade de vida relacionados à voz em 2.133 professoras da rede municipal de ensino fundamental de Belo Horizonte, encontraram resultados que confirmaram 61% das professoras com cansaço para falar e 56% das professoras com piora na qualidade da voz.

Valente, Botelho e Silva, (2015) acima referido, apresentaram em um estudo, prevalência de 60,6% dos professores com cansaço de voz. Foi constatado que, nos últimos quinze dias que antecederam a pesquisa, 40% dos docentes sofriam de processo inflamatório, alérgico ou infeccioso. Também foi observado que os professores presenciavam ocorrência de agressão na escola, sendo que 71% deles já havia presenciado agressão entre alunos, 53% presenciaram agressão entre pais de alunos, 16% testemunharam violência entre funcionários ou professores e 49% assistiram casos de violência entre pessoas externas à escola. É possível inferir que algumas variáveis

estão relacionadas a uma pior qualidade de vida relativa à voz, sejam elas relacionadas à saúde mental ou vocal.

Além de problemas vocais, outros sintomas atingem a saúde do professor decorrentes da profissão, como os sintomas osteomusculares. Em um estudo realizado por Mango et al., (2012) com 126 professores do ensino fundamental da rede pública de ensino da cidade de Matinhos (Paraná), foram identificados sintomas osteomusculares em 95,2% dos professores. Destes, 51,5% sentiam algum sintoma na região lombar, 49,2% na região dorsal, 49,2% dores no ombro e 47,6% se queixavam de dor no pescoço. Tais sintomas ocasionavam desconforto, o que impedia, muitas vezes, a realização das atividades da docência. A presença da dor foi relacionada com a quantidade de classes que cada professor assumia. Professores que passavam mais tempo em pé devido a quantidade de aulas ministradas e, conseqüentemente atividades a serem elaboradas e corrigidas.

Também na pesquisa realizada por Carvalho e Alexandre (2006) com 157 professores do ensino fundamental do interior de São Paulo, foi revelado que 90,4% dos professores apresentavam ocorrência de sintomas osteomusculares, sendo as regiões mais atingidas a cervical, a torácica, a lombar, ombros, punhos e mãos. As dores foram associadas ao tempo de atuação profissional igual ou menor de 15 anos.

Fernandes et al., (2009) ao estudar uma amostra de 242 professoras da rede municipal de ensino de Natal, verificaram que 93% das docentes sofriam sintomas osteomusculares. Tinham práticas inadequadas de atividades físicas, contribuindo para o comprometimento da qualidade de vida e o estado de saúde. As regiões superior e inferior das costas e o pescoço foram as mais atingidas. Algumas docentes praticavam atividade física, o que favorecia um equilíbrio para amenizar os problemas de saúde provenientes do trabalho. Entretanto, muitos deles realizavam atividade física de maneira errada ou não a praticavam o que contribuía para o surgimento e aumento de sintomas osteomusculares.

Portanto, se tais problemas não forem diagnosticados e tratados poderão ser agravados, podendo tornar-se crônicos com uma maior incapacidade funcional. Na maioria das vezes, os professores que têm sido acometidos por tais problemas de saúde desconhecem o que é necessário para sua saúde, vivenciando um conformismo sem investir para prevenir ou amenizar tal sofrimento, pois, muitas vezes, não conseguem

transformar tal situação em que vivem. É possível que haja uma naturalização dos problemas de saúde por estes profissionais.

Em um estudo epidemiológico realizado por Cardoso et al., (2009) descreveu-se a prevalência de dor musculoesquelética com 4.496 professores do ensino fundamental da rede municipal de ensino na cidade de Salvador, com prevalência de dor musculoesquelética em 55%. Em três segmentos específicos esse sintoma ocorreu, com maior prevalência, nos membros superiores (23,7%), membros inferiores (41,1%) e o dorso (41,1%). A dor foi associada ao tempo de cinco anos atuando naquela instituição, com uma carga horária de quarenta horas semanais, outra atividade remunerada extra docência bem como temperaturas elevadas e móveis inadequados na sala de aula.

Também os docentes são acometidos por problemas psíquicos decorrentes do trabalho da docência. Reis et al., (2005) realizaram um estudo com 808 professores da rede municipal de ensino de Vitória da Conquista em que foi observado uma prevalência de 55,9% de distúrbios psíquicos menores (DPM) entre os professores. Houve associação de uma alta exigência do trabalho, caracterizado com maior demanda e baixo controle. Além disso possuíam carga horária igual ou maior a quarenta horas semanais. Resultados sobre transtornos psíquicos em docentes também foram constatados por Porto et al (2006), ao realizarem um estudo com 1.024 professores das redes públicas e particulares desse mesmo município (Vitória da Conquista, Bahia), sendo identificado uma prevalência de 44%, com a alta exigência do trabalho.

Da mesma forma, no estudo realizado por Gasparini, Barreto e Assunção (2006), com 751 professores do ensino fundamental da rede municipal de Belo Horizonte, foi observado uma prevalência de 50,3% de transtornos psíquicos nos profissionais. Tal contexto está relacionado à experiência vivenciada diante da violência praticada pelos discentes, pais de estudantes e pessoas externas às escolas; visto que 74% dos docentes relataram casos de violência com envolvimento de discentes; 57,1% mencionaram a respeito de violência com pais de estudantes. Além disso, os transtornos psíquicos foram relacionados às condições precárias do ambiente físico das escolas, onde havia ruídos, altas temperaturas e a falta de ventilação, comprometendo o ambiente dos profissionais no trabalho.

O ritmo acelerado do trabalho docente tem relação com o estresse no estudo de Valle, Reimão e Malvezzi (2011) com 165 professores da rede pública de Poços de Caldas (Minas Gerais), indicou que em 59% dos docentes foi manifestado estresse, pela diversidade de tarefas. E outros fatores estiveram presentes nesta influência como a

dupla jornada de trabalho, o ruído na sala de aula e os desafios entre escola e família. Muitas vezes o trabalho do professor impõe certos esforços que comprometem a sua saúde o que gera sofrimento tanto para o profissional como para os discentes. Isto pode estar relacionado às adaptações pelas quais o docente é obrigado a vivenciar visto que encontra no contexto educacional exigências de novas habilidades com as transformações que ocorrem.

O estresse no seu processo de desenvolvimento apresenta um quadro sintomatológico variado conforme a fase em que se encontra. Entre estas, está a reação de alerta a qual é considerada como positiva para o organismo visto que este inicia um processo de alerta diante de situações novas que ocorrem na sua vida, buscando uma defesa do organismo. Outra fase é a da resistência, quando o ser humano busca conviver com os fatores estressantes de maneira que possa manter o equilíbrio interno. Contudo, se houver uma persistência dos estressores de forma intensa, a resistência humana é rompida e a pessoa passa a vivenciar a fase de quase-exaustão. Nesta, a pessoa não possui a capacidade de resistência e há início do adoecimento. Caso não seja superada esta fase com a aplicação de estratégias adequadas, alguns órgãos irão sinalizar com certas complicações. No entanto, se houver persistência dos estressores e ausência de estratégias de superação, ocorre a exaustão, ocasionando diversas doenças a exemplo:: depressão, psoríase e enfarte (LIPP, 2012; GOULART JUNIOR & LIPP, 2008).

1.2 CONDIÇÕES E ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO DOCENTE E O ADOECIMENTO DO PROFESSOR

Entende-se por condições de trabalho “as instalações físicas, materiais e insumos disponíveis, equipamentos, meios de realização das atividades e as relações de trabalho” (OLIVEIRA, 2012, p. 302). Dentre os desafios encontrados que propiciam a tensão no trabalho docente, bem como o surgimento de problemas de saúde, estão a falta de recursos didáticos e materiais, o que torna o trabalho limitado e insatisfatório; sobrecarga com intensa jornada de trabalho; atividades extraclases; quantidade excedente de discentes por turma e o não reconhecimento da profissão. Também a temperatura elevada do ambiente, ruídos no interior da escola e a limitação do espaço físico, bem como o comportamento dos estudantes juntamente com a falta de apoio dos pais e a falta de reconhecimento pelo trabalho docente por parte das famílias, escola e discentes (FREITAS & FACAS, 2013).

A deficiência em relação às políticas públicas e os baixos salários leva os docentes à falta de esperança no que diz respeito às melhorias na política educacional. Com isso, favorece a insatisfação e desmotivação do profissional, o que pode gerar esgotamento emocional, estresse, ansiedade e depressão além de outros distúrbios psíquicos. Neste sentido, os professores, muitas vezes, buscam estratégias a serem empregadas a fim de amenizar o sofrimento e o adoecimento durante suas atividades laborais, o que nem sempre conseguem, pois requer apoio de gestores, famílias e sociedade de modo geral (MARIANO & MUNIZ, 2006).

Para Freitas e Facas (2013) os mecanismos aplicados são denominados de estratégias defensivas, visto que os docentes desenvolvem atividades lúdicas e recreativas com os discentes com o objetivo de não estar apenas direcionados ao conteúdo didático e proporcionar momentos mais saudáveis com eles, como uma maneira de enfrentar seu sofrimento. Assim, o envolvimento emocional com estes gera afetividade, o que possibilita ao professor uma compensação mental a fim de suportar as situações desconfortáveis dentro de suas possibilidades. O prazeroso para a maioria dos professores é a valorização do trabalho por parte do estudante. Tal reconhecimento é fundamental para os professores, pois suaviza seus sofrimentos ou entendem que o “sacrifício” tem valor social.

No processo de adoecimento do docente encontram-se os distúrbios de voz os quais estão relacionados com a necessidade de falar de modo intenso a fim de assegurar a atenção dos discentes, pois em turmas com quantidade excessiva ocorre ruídos de forma intensa (PENTEADO, 2007). Também há interferência de conflitos na sala de aula com a necessidade de controlar algum imprevisto, como a violência que ocorre entre os estudantes (BRAGION, FOLTRAN & PENTEADO, 2008).

Karmann e Lancman (2013) evidenciam que, interromper a rotina do professor causa desorganização no trabalho, o que pode causar sobrecarga tanto física quanto mental. Uma rotina com interferências constantes agrava ainda mais a qualidade da voz do professor. Na relação com as famílias dos estudantes, muitas vezes há conflitos e um desconforto emocional que gera desgaste com uma maior exigência do uso da voz como recurso de expressão, o que contribui em impacto negativo para a saúde do professor. Acrescentam que o ruído intenso não está relacionado apenas aos comportamentos dos discentes na sala de aula, mas também pode haver ruído externo causando impacto no

trabalho e na qualidade da voz. Neste contexto, o professor utiliza a voz de forma elevada a fim de competir com o ruído (BRAGION, FOLTRAN & PENTEADO, 2008).

Em relação aos problemas osteomusculares, Freitas e Facas (2013) revelam ainda as lesões por esforços repetitivos (LER) e distúrbios osteomusculares associados ao trabalho (DORT). Os docentes se queixam de dores nas mãos devido ao manuseio do giz (em geral, de qualidade inferior), preparação e correção de inúmeras atividades, postura incorreta devido a mobiliários inadequados e condições precárias de trabalho, o que exige mais esforço do docente ocasionando dores em várias regiões do corpo.

A voz é reconhecida como o instrumento único pela necessidade de controle de indisciplinas e violências de discentes. Alguns professores com problemas vocais não conseguem se ausentar da escola por uns dias para realizar um tratamento da voz, pois se sentem “culpados” em deixá-los sem aulas. (KARMANN & LANCMAN, 2013). Muitos docentes supõem que podem ser solicitados, pelo médico, afastamento temporário da sala de aula para tratamento e temem não conseguir retornar ao trabalho.

Os professores, na sua maioria, possuem conhecimentos a respeito de alguns cuidados relacionados à saúde da voz e buscam vivenciá-los. Entretanto, com a necessidade do uso intensivo da voz, dificulta a prevenção de certos agravos. Desta forma, estes profissionais passam a ter uma maior preocupação visto que um problema vocal pode agravar-se para uma doença. Os sintomas mais percebidos pelos docentes são aqueles que produzem sensações de incômodo físico como dor, tosse, ardor, rouquidão e afonia (PENTEADO, 2007).

Os problemas de saúde vocal são naturalizados pela maioria dos docentes, pois os interpretam como tendências da categoria profissional. A rouquidão, por exemplo, é percebida como parte da rotina do professor, pois pode estar rouco por um dia, vários dias ou semanas, o que para eles é parte da rotina (KARMANN & LANCMAN, 2013). Os problemas de voz como rouquidão, dificuldades para falar em alta intensidade e afonia podem interferir na satisfação pessoal e nas atividades docentes.

A profissão do magistério, em geral, tem sido socialmente desvalorizada, no que diz respeito à precarização do trabalho em contextos e salários defasados. A profissão é percebida como não qualificada o que contribui para insatisfação, desânimo, sofrimento e adoecimento dos docentes (NEVES et al, 2011).

Vale ressaltar, que apesar dos sintomas de adoecimento, os professores, muitas vezes, trabalham enfermos. Elaboram concepções subjetivas baseadas na sua trajetória profissional que resulta na manifestação de seus sofrimentos associando o trabalho docente a uma vulnerabilidade na vida (FREITAS, 2013). Pereira (2016) salienta que alguns professores apresentam maneiras particulares de sofrimento psíquico. Isso é possível constatar a partir de uma explicação clínica que atribui importância a aspectos da particularidade subjetiva. Quando alguns não conseguem superar as dificuldades laborais, pode gerar maneiras específicas de mal-estar laboral. Portanto, refletir sobre questão salarial, condições de trabalho e formação do docente torna-se fundamental, mas, sobretudo contribui para a superação da desvalorização social. Nesta perspectiva é fundamental uma aproximação da política educacional e a experiência dos profissionais da educação através de ações mais fundamentadas pelos gestores e sistemas educativos. Ou seja, uma política que considere a escuta dos docentes para a realização do trabalho no cotidiano. Escutar os professores juntamente com a orientação clínica é uma maneira que possibilita a condução dessa política.

Para compreender o sofrimento é fundamental entender as experiências assimiladas e reveladas pelos indivíduos no contexto do trabalho, pois o sofrimento no aspecto físico ou psíquico pode impossibilitar o indivíduo à execução das atividades. (BRANT & MINAYO GOMEZ, 2011).

1.3 EXPERIÊNCIA E SIGNIFICADO DE ADOECIMENTO/ ENFERMIDADE

A experiência é bastante intersubjetiva, pois abrange costumes, hábitos e constatações das pessoas em um meio com interferências do coletivo e subjetivo. É vivenciada a partir do tempo e do espaço e relaciona-se tanto com a intersubjetividade quanto com os sentimentos do indivíduo. A intersubjetividade surge com as interações sociais dentro de um mundo local com a ocorrência de possíveis mudanças. A experiência está relacionada com o envolvimento do indivíduo com a vida cotidiana em determinado local. O mundo local tem suas especificidades voltadas para a cultura, política e economia. Logo, a experiência vivenciada ocorre em um meio intersubjetivo com palavras, sensações e significados do senso-comum (KLEINMAN, 1998).

A experiência de adoecimento na área da antropologia da saúde enfatiza a dimensão subjetiva para as estratégias de intervenção de cuidado dos indivíduos. O processo de adoecimento tem início quando o indivíduo percebe as mudanças relacionadas às sensações corporais e sentem-se doentes. Assim, na experiência do adoecimento, são importantes os significados atribuídos pelos sujeitos e suas ações na busca de tratamento e restabelecimento das situações perturbadoras. (LEAL, DABL & SERPA JR, 2014).

A experiência da enfermidade revela sintomas ou doenças. Tal experiência por si mesma manifesta dimensões sociais, subjetivas e coletivas. Passa a ser uma realidade formada através da intersubjetividade partilhada dos processos significativos, visto que não é apenas uma condição de sofrimento, mas também um fato social. A definição dos sintomas e da dor é baseada na significação e na construção social (ALVES, 1993). Desse modo, a cultura local está inserida nesse processo da experiência do adoecimento a qual pode ser modificada conforme o meio onde o indivíduo se encontra, com sua particularidade local e individual, no sentido de vivenciá-la (KLEINMAN, 1988).

Pierret (2003) menciona que a experiência da enfermidade está voltada para as pesquisas socioantropológicas relacionadas ao processo saúde-doença com prioridade à opinião das pessoas adoecidas, uma vez que analisa a maneira pela qual os indivíduos convivem com as enfermidades no processo de adoecimento.

Alves (1993) salienta sobre a importância de restringir as reações corporais em sistemas significativos, pois estar consciente sobre determinada situação é reunir fatos baseados na compreensão e na significação. Sentir-se mal é uma sensação que acompanha a compreensão do seu significado. Tal sentimento está associado aos contextos específicos da vivência do indivíduo. Nesse sentido, enfermidade não é apenas um fato, mas significação.

Para compreender os significados é necessário interpretar a experiência do sujeito que sente, e, esta deve ser entendida como um retorno do próprio processo interativo com o meio. Deste modo, o significado do adoecimento é formado por experiências subjetivas dos indivíduos, em seus contextos situacionais (ALVES & RABELO, 1995). Assim, há um sentido atribuído à enfermidade no seu contexto subjetivo, quando esta é tida como real para os indivíduos de uma sociedade. O significado é produzido a partir da história do indivíduo constituída por processos interativos e comunicativos com os semelhantes.

O que é fundamental para compreender a enfermidade está baseado na experiência. O indivíduo por meio da experiência de sentir-se mal a expressa como conhecimento de sintomas ou da doença (ALVES, 1993).

Para Ferreira, (1994) sentimentos e discursos presentes na vida social são aplicados ao corpo, este que é representativo de processos sociais. Como um espaço de doença, é possível obter diferentes interpretações em busca de significados para o indivíduo que vivencia determinados sintomas.

O processo da significação está relacionado às condições socioculturais em que se encontram experiências de enfermidades expressas pelos indivíduos. Assim, são elaborados significados e compartilhados os códigos de um determinado contexto. As experiências dos indivíduos não são diretamente acessadas por outros. Elas são transmitidas através de seus discursos que revelam suas vivências (GARCIA et al, 2005).

Os significados ao serem compartilhados com relação aos sentimentos diante do processo de adoecer favorece a construção de discursos sobre a vida com o adoecimento. O compartilhamento destes significados permite a inclusão dos mesmos diante de um processo explicativo maior que o apresentado pela conduta biomédica presente na relação paciente e médico. Tal interpretação sobre o adoecer gera uma interação entre o processo de adoecimento, a subjetividade e as particularidades da vida e que auxiliam na direção do discurso de uma nova maneira de compreensão do corpo, ocorrências, sintomas e comportamentos (FAVORETO & CABRAL, 2009).

Para Alves (2015) a doença é entendida como algo que possui uma especificidade capaz de impedir o desempenho do corpo com certa normalidade. Há uma redução da capacidade do funcionamento biológico com valor inferior ao socialmente classificado como normal. Ao tratar sobre doenças nas Ciências Sociais, busca-se entender significados e interpretá-los. Para as Ciências Naturais, o reconhecimento da doença tem a certificação clínica e é identificada de maneira específica com sinais e sintomas físicos e mentais (FREITAS, 2003).

OBJETIVOS:

Objetivo geral: Analisar os significados atribuídos pelos docentes aos problemas de saúde vivenciados durante o exercício da docência na rede pública de Ensino Fundamental e Médio no município de São Miguel das Matas, Bahia.

Objetivos específicos:

- ✓ Interpretar significados que os docentes atribuem ao processo de adoecimento relacionado ao exercício da docência.

- ✓ Analisar como o contexto das condições gerais do trabalho pode influenciar as experiências de adoecimento dos docentes.

2 O MUNICÍPIO DE SÃO MIGUEL DAS MATAS E A EDUCAÇÃO PÚBLICA MUNICIPAL

O município de São Miguel das Matas está localizado no Recôncavo Sul da Bahia, limitando-se com os municípios de Laje (ao Sul), Amargosa e Elísio Medrado (ao Norte), Varzedo (ao leste) e Santo Antônio de Jesus (ao oeste). A sede do município fica a uma distância de 224 km da Capital, cujo acesso se faz pelas vias BR 101 ou pela BA 045 via Santo Antonio de Jesus – ferry boat – Bom Despacho. Segundo dados do IBGE, possui uma população de 10.414 habitantes, sendo 7.054 pessoas residentes na zona rural e 3.360 na zona urbana. Possui uma densidade demográfica de 48,57 hab/km², (IBGE, 2010).

A emancipação do município ocorreu no ano de 1891, com o surgimento de construções de residências e algumas casas comerciais. No período predominavam as culturas de café e mandioca. Em consequência da ocupação humana tanto na zona urbana quanto na zona rural, com o objetivo de adquirir mais espaço para a construção de habitações e plantios, a paisagem tem sido transformada. Na agricultura, ocorre a prática de lavouras como a mandioca, o cacau e a laranja (IBGE, 2010).

Em relação à rede de serviços de saúde, de acordo com o Sistema de Cadastro Nacional de Estabelecimentos de Saúde – SCNES, o município se encontra na Gestão Plena de Atenção Básica caracterizada pela Estratégia de Saúde da Família com uma cobertura de 100% das famílias existentes no município. Possui três Unidades de Saúde da Família, sendo duas unidades localizadas na zona rural e uma unidade na zona urbana a qual possui duas equipes de Saúde da Família.

Além disso, possui duas Unidades Satélites de saúde na zona rural para atender a população que se encontra distante geograficamente da unidade de saúde da família pertencente aquela área. No tocante à média complexidade, o município tem como referência, de acordo com a Programação Pactuada Integrada – PPI, o município de Santo Antônio de Jesus, tanto na área ambulatorial quanto hospitalar (SCNES/DATASUS, 2016).

Com relação à rede de ensino, o município possui dezenove escolas públicas municipais, sendo quatorze localizadas na zona rural e cinco na zona urbana, as quais

atendem um público de estudantes desde a Educação Infantil até o 9º ano (8ª série) do Ensino Fundamental II. Além destas, o município conta com um Colégio Estadual onde ocorre o Ensino Médio (DADOS DA SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO). Também há duas escolas particulares as quais atendem ao Ensino Infantil e Fundamental I, além de uma delas possuir o ensino fundamental II. A maioria dos estudantes, ao concluir o Ensino Fundamental II na rede pública municipal, é direcionada para o colégio estadual, no qual realizam a etapa do Ensino Médio.

De acordo com dados da Secretaria Municipal de Educação, o município dispõe de 163 docentes, sendo que 82 destes profissionais trabalham em escolas da zona urbana e 81 lecionam em escolas da zona rural. Do total de docentes, 125 deles são funcionários efetivos do município, através de concurso municipal e 38 são contratados (Secretaria Municipal de Educação). No que concerne ao Ensino Médio, este é constituído por 17 professores da rede estadual.

Em relação às condições de trabalho dos docentes, o município possui Plano de Carreira dos servidores públicos do magistério, o qual contribui na garantia dos direitos dos docentes municipais. Entretanto, aqueles que prestam serviço (38 docentes) através de contrato com o município, não têm seus direitos garantidos. Para os que trabalham em escolas da zona rural, o município disponibiliza transportes para o deslocamento. Atualmente, todas as escolas municipais possuem quadro branco e pincel marcador, mudança que ocorreu há, aproximadamente, dez anos. Antes, era o quadro de giz.

Em relação à quantidade de alunos matriculados no ano de 2017, foram realizadas matrículas de um total de 1.908 alunos no Ensino Fundamental. Destes, 687 estudam em escolas na zona rural e 773 estudam na zona urbana. Já no Ensino Médio, ocorreram 410 matrículas na escola estadual.

3 METODOLOGIA:

Este estudo foi desenvolvido com professoras da rede pública do Ensino Fundamental e Médio do município de São Miguel das Matas, Bahia. Por ter atuado na docência, no município em estudo e conhecer professores que tem sofrido com o processo de adoecimento, houve o interesse em tentar entender como os docentes convivem com seus problemas de saúde decorrentes da atividade laboral e compreender os significados que eles atribuem a estes processos.

Foi realizado um estudo exploratório a partir da pesquisa de abordagem qualitativa para responder aos objetivos diante de uma perspectiva epistemológica hermenêutica. Para Minayo (2014) a pesquisa qualitativa está voltada para o estudo dos valores, crenças, percepções, representações e significados resultantes das interpretações que o ser humano faz sobre a sua vivência diante do que sentem na realidade social vivenciada e partilhada.

Os participantes deste estudo foram docentes que atuam no Ensino Fundamental e/ou Ensino Médio da rede pública de ensino do município. Para a identificação dos participantes, houve um momento de contato com a Secretaria Municipal de Educação para solicitação da carta de anuência e autorização da realização da pesquisa com os professores do município, além de obter informações sobre a ocorrência de adoecimento nesse grupo.

Estas informações formaram registros significativos para o início da pesquisa. A pesquisadora entrou em contato com as docentes indicadas pela Secretária Municipal de Educação e, diante da aceitação em participar da pesquisa, algumas delas informaram outras colegas que também têm sofrido com alguns problemas de saúde relacionados ao contexto educacional. As entrevistas formaram uma pluralidade de vozes destas professoras (MINAYO, 2014).

Esta produção de informações sobre corpo e adoecimento no trabalho foi realizada nos domicílios das professoras referidas, por ser este um local mais indicado por elas para melhor construção de suas narrativas. Também foi acordado sobre o horário mais adequado diante da rotina de cada uma das professoras para a realização das entrevistas. Participaram da pesquisa aquelas que têm sofrido problemas de saúde decorrentes do trabalho e aceitaram a assinar o Termo de Consentimento Livre e

Esclarecido, exigido pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Faculdade de Medicina da Bahia da Universidade Federal da Bahia, para qual o projeto foi submetido e aprovado sob o Parecer Consubstanciado nº 2.136.696.

Assim, por ter em comum determinadas características relacionadas a adoecimento, as professoras puderam contribuir para a realização da pesquisa. Aquelas que foram entrevistadas indicaram nomes de colegas docentes que passaram ou passam por processo de adoecimento relacionado ao trabalho.

Para a entrevista foi realizado um roteiro de questões para favorecer o diálogo com as professoras para que elas se sentissem próximos da pesquisadora e pudessem narrar livremente suas experiências diante do adoecimento decorrente de suas atividades laborais. As entrevistas foram realizadas individualmente e ocorreram no período de junho a setembro do ano de 2017, tendo sido gravadas com a utilização de um gravador de voz digital a fim de garantir de forma íntegra as vozes das participantes. Ainda no momento da entrevista, foram realizadas anotações em um caderno (diário de campo) sobre os sinais e outros complementos semióticos. Foram concluídas a partir do momento que houve semelhanças nos discursos das participantes entrevistadas. As similitudes da linguagem se configuram como uma condição da intersubjetividade (MINAYO, 2000).

Os relatos foram transcritos na sua totalidade para assegurar a fidedignidade das informações. Os nomes das entrevistadas são fictícios para promover o sigilo e preservar suas identidades. Em seguida, foram realizadas intensas leituras dos transcritos a fim de favorecer a organização de categorias a partir das temáticas que surgiram relacionadas aos relatos dessas docentes.

A análise das narrativas foi realizada com base na perspectiva hermenêutica, apresentada por Ricouer (1976), autor que discorre sobre a compreensão do texto e do contexto das vivências cotidianas do ser humano em uma interpretação próxima à realidade. A perspectiva hermenêutica contribui para a compreensão e interpretação dos significados produzidos pelos atores sociais com seus discursos resultantes da experiência subjetiva e intersubjetiva no ambiente em que convivem.

A teoria da interpretação proposta por Ricouer na interpretação do mundo do texto favorece o entendimento sobre o que as professoras experienciavam com o

adoecimento. Deste modo, a experiência vivenciada permanece reservada e, assim, ocorre a dialética de evento e significação. O evento, além de ser a experiência exposta e relatada é, também, a troca intersubjetiva diante do diálogo. O indivíduo explica seu problema de saúde e compreende-o enquanto uma continuidade, ou permanência, no trabalho (RICOUER, 1976). Desta maneira, houve um esforço em analisar de maneira compreensiva a experiência do adoecimento das professoras e tentar compreender os significados por elas atribuídos aos seus problemas de saúde decorrentes da atividade docente.

4 CONHECENDO UM POUCO SOBRE AS COLABORADORAS DESTE ESTUDO.

A identificação das colaboradoras ocorreu por meio das informações da Secretaria de Educação e das próprias professoras como informantes-chaves. Como descrito abaixo, algumas características relacionadas às professoras e o percurso durante os anos de trabalho docente.

Mariana: Tem 35 anos de idade. É graduada em Letras e está cursando Pós-Graduação *Lato sensu* na área de educação. Há nove anos vem atuando no trabalho docente. De início, atuou na rede municipal de ensino de nível fundamental II (6º ao 9º ano), na qual atuou por um período de sete anos. Logo após, ingressou na Escola Estadual de Ensino Médio onde permanece com contrato sob Regime Especial de Direito Administrativo – REDA e atua na disciplina de Redação. Para ela, atuar como professora do REDA tem desvantagens em relação aos professores efetivos do Estado. Há uma discrepância em relação à questão da carga horária, ou seja, número de horas aulas que devem ser cumpridas. Ela afirma que, para professores efetivos, a carga horária com vinte horas semanais é composta por treze horas aulas, enquanto que para um professor de REDA isto equivale a dezesseis horas de aulas semanais. Isso a deixa desmotivada na profissão e declara que “*a quantidade de aulas que você vai elaborar, será maior*”. Ainda afirma que, muitas vezes é necessário assumir disciplinas diferenciadas daquelas de sua formação como maneira de completar a carga horária, o que contribui para a intensificação do trabalho. Por outro lado, gosta de atuar na escola onde, há dois anos,

vem trabalhando. Para ela, o relacionamento entre colegas de trabalho e gestores é agradável o que torna o ambiente favorável para desenvolver as atividades. Entretanto, relata que já trabalhou em alguns ambientes nos quais não havia uma aproximação entre os colegas no que diz respeito à valorização do trabalho e que não permitia a autonomia. O que mais a incomoda ultimamente é o problema de saúde que surgiu em decorrência das atividades do trabalho docente, as quais exigem muito esforço repetitivo de membros superiores.

Marta: Tem 52 anos de idade. Tem formação em Letras com Pós-Graduação *Lato sensu* na área de educação. Atua na rede municipal de Ensino Fundamental II há aproximadamente, trinta anos. Trabalhou em outra escola por muitos anos e, há quinze anos vem trabalhando nesta escola municipal onde atua. É aposentada por tempo de serviço referente à vinte horas semanais de trabalho e atualmente assume apenas vinte horas semanais de aula em escola municipal. Trabalhou por aproximadamente vinte e cinco anos, assumindo quarenta horas semanais de aula. Nesse período surgiram vários sintomas como problemas na voz, dores no braço e mão, além do desgaste e stress decorrente do dia de trabalho. Atualmente sente-se mais tranquila na questão relacionada às horas de trabalho, mas declara que os sintomas permanecem no corpo e na vida. *“Se eu não tivesse parado, podia até ficar com um problema sério tanto nas cordas vocais quanto no braço. É triste, você quando chega o tempo de sua aposentadoria, que é para você descansar, você desfrutar e você está com problema sério de saúde”*.

Paula: Tem 47 anos de idade e vinte e oito anos atuando na docência. Tem formação em Letras com Inglês e trabalha com a disciplina de Língua Portuguesa em colégio estadual há seis anos. Já atuou nos níveis de Ensino Fundamental I e II e atualmente está lecionando no Ensino Médio. Fala sobre a frustração no trabalho docente, pois há um contexto educacional de desvalorização profissional que a deixa desanimada. Atualmente assume uma carga horária semanal de trabalho de vinte horas. Afirma que encontrou oportunidade de assumir quarenta horas semanais, mas para não sobrecarregar, decidiu permanecer atuando apenas com carga horária de vinte horas semanais. Mesmo assim, foi acometida por problemas de saúde decorrentes do trabalho que exerce. *“Se a situação da escola não tivesse tão ruim, angustiante para mim, eu toparia ficar mais tempo no magistério. Mas estou começando a ficar cansada, não cansada da profissão, cansada do descaso”*.

Simone: Tem 51 anos de idade. Tem formação em Pedagogia com Pós-Graduação *Lato sensu* na mesma área. Tem vinte e quatro anos de atuação na docência. Durante este período, tem atuado no Ensino Fundamental I. Trabalhou em escolas localizadas na zona rural por um período de dez anos e, posteriormente, passou a lecionar em escolas da zona urbana, neste mesmo nível de ensino. Simone assume uma carga horária de vinte horas semanais. Relata que exige muito da voz, pois trabalha com crianças e adolescentes os quais requer muita atenção. O cansaço da voz teve início a partir do período de quinze anos de trabalho docente. Afirma que vai ao encontro de cada aluno na sala de aula, para tirar dúvidas e orientá-los sobre as atividades, o que gera desgaste e cansaço. Atualmente sofre as consequências deste desgaste na voz, o que interfere na sua vida pessoal e social. *“Em casa não falo muito, só falo quando tem necessidade, mas evito, porque sinto cansaço (da voz)”*.

Flávia: Tem 48 anos de idade. Possui formação em Pedagogia com Pós-Graduação *Lato Sensu*. Atua como professora há aproximadamente dezoito anos, no Ensino Fundamental II, com a disciplina de Ciências. Durante este período, trabalhou em algumas escolas da zona urbana. No ano de 2017 pediu transferência para outra escola municipal onde continua até o momento presente. O motivo de querer a transferência foi o comportamento dos alunos durante suas aulas, situação que a incomodava bastante. Atualmente sente-se satisfeita na escola na qual trabalha. Além dos anos de trabalho na docência, também atuou na gestão escolar municipal por alguns anos. Declara que gosta da profissão, porém os desafios encontrados a deixa insatisfeita. *“Quem já tem muito tempo de sala de aula e conversa com quem está entrando agora, até desmotiva”*. Para complementar a renda mensal, atua na direção de uma escola particular no município.

Amália: Tem 45 anos de idade. É graduada em Ciências Biológicas e pós-graduada em Psicopedagogia. Tem atuado na docência por um período de vinte e cinco anos, no nível Fundamental I. Atuou em escola da zona rural por quatro anos. Sempre trabalhou com carga horária de vinte horas semanais de aula. Entretanto, em 2010 assumiu quarenta horas semanais de aula, motivo pelo qual gerou adoecimento. Na entrevista, ela enfatizou sobre a necessidade deste ritmo de trabalho no referido ano a fim de aumentar a renda financeira. Casada e com uma filha adolescente, ainda não possuía casa própria, além de querer contribuir na educação de sua filha, o que a fez trabalhar mais e ter que assumir turmas de alunos os quais eram muito indisciplinados. A necessidade exigia o seu esforço a fim de contribuir financeiramente na realização da casa própria. No

referido ano que assumiu quarenta horas semanais de trabalho docente, sentiu diversos sintomas, principalmente psíquicos, como o stress, angústia, tristeza e, conseqüentemente dores no corpo. No ano seguinte, ela não conseguiu continuar no mesmo ritmo de trabalho. Assumiu apenas vinte horas semanal de trabalho, mas infelizmente os problemas de saúde permanecem em sua vida. *“Hoje eu tenho certeza que estou como estou devido essas turmas que eu peguei; essa carga horária com essas duas turmas. Quando ouço falar nesses meninos, eu digo: - Ô meu Deus!”*

ARTIGO I

A EXPERIÊNCIA COM O ADOECIMENTO NA DOCÊNCIA: UM ESTUDO COM PROFESSORAS DO MUNICÍPIO DE SÃO MIGUEL DAS MATAS, BAHIA, BRASIL

RESUMO

O professor do Ensino Fundamental e Médio nem sempre consegue superar os desafios no cotidiano do trabalho, com isso sofre maior esforço físico e psíquico, o que pode acarretar em diversos problemas de saúde. O presente estudo objetiva compreender os significados aludidos por professoras ao processo de adoecimento relacionado ao exercício da docência na rede pública de Ensino Fundamental e Médio no município de São Miguel das Matas, Bahia, Brasil. Trata-se de uma abordagem qualitativa com entrevistas narrativas cuja análise utiliza a teoria da hermenêutica descrita por Paul Ricoeur. São destacadas quatro categorias temáticas: Dor crônica, voz do docente, queixas psíquicas e interferências dos problemas de saúde na vida pessoal e social. A intersubjetividade relacionada ao adoecimento confirma sofrimento e prejuízos na vida pessoal destas profissionais. Sentem-se sem recuperação e narram sobre a necessidade de superação diária destes obstáculos para continuar na docência, mesmo adoecidas.

Palavras-chave: Trabalho docente; problemas de saúde; intersubjetividade; adoecimento.

**THE EXPERIENCE WITH SICKNESS IN TEACHING: A STUDY WITH
TEACHERS FROM THE COUNTY OF SÃO MIGUEL DAS MATAS, BAHIA,
BRAZIL**

ABSTRACT

The teacher of Elementary and Middle School can not always overcome the challenges in the daily life of the work, with this it undergoes greater physical and psychic effort, which can cause in diverse health problems. The present study aims to understand the meanings alluded by teachers to the process of illness related to the exercise of teaching in the public school of Elementary and Middle School in the city of. This is a qualitative approach with narrative interviews whose analysis uses the theory of hermeneutics described by Paul Ricouer. Four thematic categories are highlighted: Chronic pain, teacher's voice, psychic complaints and interferences of health problems in personal and social life. The intersubjectivity related to illness confirms suffering and losses in the personal life of these professionals. They feel without recovery and tell about the need to overcome these obstacles daily to continue teaching, even sick.

Key words: Teaching work; health problems; intersubjectivity; illness.

INTRODUÇÃO

O trabalho docente é reconhecido pela responsabilidade dos professores frente ao sistema educacional. Muitas competências são exigidas aos professores, seja por parte da escola, da família dos alunos e da comunidade em geral. Neste sentido, o docente se vê com grande demanda perante diversas atribuições a serem correspondidas no âmbito escolar. A criação de estratégias para proteção à saúde e prevenção de agravos fica ausente em suas vidas (ASSUNÇÃO & OLIVEIRA, 2009).

Esta situação é caracterizada pela intensificação do trabalho docente (FREITAS, 2013) o qual nem sempre é reconhecido por gestores. Salários defasados, condições de ensino inadequadas e deficiência de preparação para a formação têm ocasionado mudanças significativas na vida diária do docente (GIL, 2001) e na sua saúde (FREITAS, 2013).

A desvalorização social do professor somada aos esforços físicos e psíquicos podem desencadear sérios problemas de saúde nesta categoria profissional. O adoecimento relacionado à profissão da docência é atribuído às lesões em alguns membros do corpo, ocasionado pelo esforço repetitivo, devido à alta demanda de atividades e uma mesma postura física por longo período; desgaste das cordas vocais e queixas psíquicas. Contudo, apesar dos problemas de saúde pelos quais o professor é acometido, ele geralmente resiste a se afastar para tratar a saúde durante o período das aulas. Continua assim, o corpo com os sintomas como se estivesse alienado à escola durante este período (FREITAS, 2013).

As sensações de sofrimento podem apresentar significados quando organizadas em uma integralidade de sentidos reconhecidos como reais para as pessoas no mundo do senso comum. Assim, a vivência da enfermidade se dá a partir do momento em que é atribuído significados a uma experiência sensível. Esta não é um fato, mas interpretação de diversas informações oriundas do corpo humano, criada por significados diante de uma concepção resultante de processos de socialização (ALVES, 1994). Das experiências de enfermidades, pode-se chegar ao significado de incapacidade. O corpo pode sinalizar angústia causada pelo processo de adoecimento (NEVES & NUNES, 2009).

As percepções iniciais sobre a incapacidade apresentam significados e estabelecem relação entre o indivíduo e o meio social. Pode ocorrer utilização de metáforas na linguagem com representações que dão sentido ao sofrimento e à descrença quanto à possibilidade de recuperação. As metáforas relacionadas às enfermidades, não são afirmações fixas ao longo do tempo, mas efeitos dos sentidos ao nível da compreensão do adoecimento (NEVES e NUNES, 2009).

Como demonstramos neste estudo, não há apenas um significado para o fenômeno do adoecimento, pois este é também uma produção do contexto social (ALVES, 2015). Justificamos o interesse pela temática do adoecimento de professores do Ensino Fundamental e Médio dado a ocorrência frequente de queixas e alta prevalência de enfermidades associados ao trabalho (ARAÚJO et al, 2008; REIS et al, 2005; REIS et al, 2006).

ASPECTOS METODOLÓGICOS

Este estudo foi desenvolvido com professores da rede pública do Ensino Fundamental e Médio em um município onde trabalhei também como docente e pude conhecer professores que tem sofrido com o processo de adoecimento. Houve o interesse em tentar entender como se convive com problemas de saúde decorrentes da atividade laboral e compreender os significados que se atribuem a estes processos.

A abordagem de caráter qualitativo aproxima-se de uma perspectiva epistemológica hermenêutica. Para Minayo (2014) este tipo de estudo apresenta aspectos da cultura como: valores, crenças, percepções, representações e significados resultantes das interpretações das pessoas em suas realidades.

As informações do órgão gestor municipal sobre o adoecimento de professores foram registros significativos para o início da pesquisa. A pesquisadora entrou em contato com as docentes indicadas e, diante da aceitação em colaborar, algumas informaram sobre colegas que também têm sofrido problemas de saúde relacionados ao contexto educacional. As entrevistas formaram uma pluralidade de vozes destas professoras. (MINAYO, 2014).

Esta produção de informações sobre corpo e adoecimento no trabalho foi realizada em domicílios das professoras referidas, por ser este um local mais indicado

por elas para melhor construção de suas narrativas. Participaram da pesquisa as que têm sofrido problemas de saúde decorrentes do trabalho e aceitaram assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, exigido pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Faculdade de Medicina da Bahia da Universidade Federal da Bahia, para qual o projeto foi submetido e aprovado sob o Parecer Consubstanciado nº 2.136.696.

As entrevistas abertas e em profundidade ocorreram no período de junho a setembro do ano de 2017 sendo realizadas com cuidado respeitando os silêncios e as individualidades. Foram gravadas e transcritas para análise. As identidades estão preservadas e os nomes que aparecem são fictícios. As entrevistas foram concluídas quando apareceram similitudes nos discursos a se configurar como uma intersubjetividade do processo de adoecimento (MINAYO, 2000). Em seguida, foram realizadas intensas leituras dos transcritos para favorecer a organização de categorias a partir das temáticas que surgiram nas narrativas.

A análise foi realizada com base na perspectiva hermenêutica, apresentada por Ricoeur (1976), autor que discorre sobre a compreensão do texto e do contexto das vivências cotidianas do ser humano em uma interpretação próxima à realidade social. A perspectiva hermenêutica contribui para a compreensão e interpretação dos significados produzidos pelos atores sociais com seus discursos resultantes da experiência subjetiva e intersubjetiva no ambiente em que vivem.

A teoria proposta por Ricoeur na interpretação do mundo do texto favorece o entendimento sobre o que as professoras experienciavam com o adoecimento. Deste modo, a experiência vivenciada permanece reservada e, assim, ocorre a dialética de evento e significação. O evento, além de ser a experiência exposta e relatada é, também, a troca intersubjetiva diante do diálogo. O indivíduo explica seu problema de saúde e compreende-o enquanto uma continuidade, ou permanência no trabalho (RICOUER, 1976).

Diante de um esforço para analisar de maneira compreensiva a experiência do adoecimento das professoras e à luz dos significados por elas atribuídos, foram organizadas as seguintes categorias: Dor crônica, voz das professoras, queixas psíquicas e interferências dos problemas de saúde na vida pessoal e social das docentes.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As professoras iniciaram a narrativa falando sobre a profissão, as condições de trabalho e em seguida o processo de adoecimento causado pelo exercício da docência. O adoecimento foi relatado desde a sua provável origem com aspectos voltados para a atividade laboral e os motivos pelos quais surgiram os primeiros sintomas e a manifestação destes em determinadas regiões do corpo.

Dor crônica: A dor no docente que carrega o “peso” da profissão no corpo.

Comecei a sentir algumas dores no ombro. [...] Ela perpassava também por outros membros, no braço ou no dedo, no polegar, que é a parte que você coloca esforço quando você está fazendo as correções ou escrevendo no quadro. [...] A dor já estava me limitando levantar o braço acima da cabeça. [...] Dormir por cima do ombro já estava me incomodando (Mariana, 35 anos).

Esta iniciou seu trabalho como professora de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental no ano de 2009 e passou a atuar no Ensino Médio com a disciplina de redação a partir de 2015, período no qual foi atingida por um problema de saúde decorrente dessa atividade e que ainda permanece. Ela trabalhava com muita produção de textos dos alunos e, com isso, havia necessidade de realizar correções manuais por longos períodos.

Após seis meses, aproximadamente, a dor foi intensificada e, surgiu a necessidade de procurar um profissional de saúde especialista para avaliar o problema. No entanto, o que causava dor intensa não foi identificado. Para aliviar a dor, por recomendação médica, ela passou por sessões de fisioterapia e uso de medicamentos, mas apenas como meios paliativos.

Após dois anos, Mariana tem sentido dores com frequência e continua com tratamentos paliativos para amenizar os sintomas e continuar exercendo suas atividades. A dor incomoda e traz desconforto de modo permanente, sinaliza que algo não está bem no corpo e requer limites dos movimentos. Assim como ela, outras professoras narraram sobre o surgimento de problemas de saúde relacionados ao trabalho docente.

Eu tive um problema no braço, na mão. Então, forcei muito o braço direito por escrever no quadro. Comecei a sentir problemas, dores no ombro. Essa dor passou para a mão, chegou ao ponto de travar a minha mão, de ficar com a mão entevada sem conseguir nem pegar

na caneta. Fiz uma série de tratamentos, exames e fisioterapia. Ainda não fiquei 100% (Marta, 52 anos).

Eu comecei com dores no braço, no ombro. E aí, essa coisa incomodativa no ombro, porque assim..., eu tenho punho e dedo machucados. [...] Só que essa dor do ombro começou a incomodar. Mas, o braço direito já é sacrificado (silêncio). E eu tive outros colegas que praticamente tiveram o mesmo problema (Paula, 47 anos).

O termo “*coisa incomodativa*” expresso nesta narrativa é atribuído às dores do braço e ombro. É interpretada como um elemento presente no corpo e que desgasta, atrapalha e limita seu empenho no trabalho. Não há tranquilidade no dia a dia da professora. É sofrido. Pode significar o adoecimento sentido em seu corpo e que tanto incomoda. Outras partes do corpo foram comprometidas pela dor, como punho e dedos e, logo após iniciou-se a dor no ombro. Paula, assim como outras professoras, foi ao médico para tentar descobrir a causa da dor e foi constatado um desgaste relacionado à profissão de docente. A “coisa” que incomoda o corpo é representação do trabalho que dói. Também, a professora Mariana expressa termos atribuídos ao adoecimento. [...] *Você vai ter que aprender a conviver com isso; você tem algo que vai estar sempre ali (Mariana)*. Os significantes “coisa”, “isso” e “algo”, são construídos na interação das vozes das professoras como representações que se tornam parte de suas vidas diárias. A intersubjetividade favorece a compreensão do mundo social destas profissionais (MINAYO, 2014).

Com metáforas vivas manifestam os problemas de saúde decorrentes do exercício da docência, com os quais precisam conviver mesmo com intensidade da dor, principalmente nos braços, ombros e mãos. “As experiências trazem metáforas que ressurgem como verdades significantes e são identificadas como sentidos apresentados na cena particularizada do autor para significar sua realidade” (FREITAS, 2003: p. 52).

Através de expressões metafóricas as participantes exprimem seus sofrimentos perante a convivência com o adoecimento e o trabalho. Para Ricoeur, a “experiência simbólica exige um trabalho do sentido, a partir da metáfora, um trabalho que ela fornece mediante a sua rede organizacional e os seus níveis hierárquicos” (RICOEUR, 1976; p. 77).

As metáforas expressam sentidos que contribuem para a ampliação de significados e outras interpretações no interior do contexto. Nesse aspecto, observa-se a “coisa incomodativa” e o “braço sacrificado” como efeitos de sentidos da dor, atribuído

assim, mais que um valor emotivo, pois apresentam novas informações sobre a realidade vivenciada (RICOUER, 1976). Sacrificado o braço da mão que escreve tem como representação o trabalho de ser professora. Trata-se de um símbolo que envolve a condição da docência. Aqui, adoecimento e trabalho se confundem, associam-se como termos do cotidiano laboral.

O termo “*braço sacrificado*”, representa um membro que foi colocado em risco durante o exercício da docência e, desta forma, prejudicado e limitado às diversas atividades, pois o simples ato de elevar o braço acima da altura do ombro, estender roupa, fazer algum tipo de exercício físico etc, incomoda muito. Também, remete-se a uma renúncia de atividades cuja paralização pode significar uma incapacidade psicofísica.

Também, a expressão “*mão entrevada*” sinaliza o esforço excessivo da mão que escreve, e a dor impede o movimento das articulações deixando-a paralisada momentaneamente. Todo o membro direito foi afetado, tendo iniciado com uma dor no ombro e que agravou os movimentos do braço e da mão. A limitação do desenvolvimento das tarefas na escola, como levantar o braço para escrever na lousa, assim como outras atividades rotineiras, gera incômodo nas professoras. Em consequência da profissão que exerce, sente a necessidade de movimentar-se e, muitas vezes, ultrapassam determinados limites, o que pode intensificar a dor. A experiência da dor é real e subjetiva; abrange sentidos e interpretações pessoais. Real porque a sente fisicamente, subjetiva porque se percebe sem condições de trabalhar ou trabalha com sofrimento porque não pode parar.

Sobre o conceito de dor, o estatuto da Associação Internacional para Estudos da Dor (IASP) atribui a “uma experiência sensorial e emocional desagradável associada a um dano real ou potencial dos tecidos, ou descrita em termos de tais lesões” (IASP,1994; p. 210). Como apresenta a professora em sua narrativa “[...] *Não tem uma cura específica, tudo que pode ser feito são paliativos* (Mariana, professora). O alívio da dor favorece a continuidade das tarefas laborais e é adiado um tratamento mais eficaz para as necessidades de saúde. Acontece uma espécie de silêncio da queixa à medida que o corpo suporta atender as necessidades do trabalho (SILVA et al, 2013). E segue com analgesia. Outra vez, observa-se o sofrimento do trabalho docente. Assim, com o passar do tempo, a dor pode tornar-se crônica, o que é transformado em um problema

maior. Dor crônica é preconizada pela IASP como aquela que ocorre com duração de seis meses ou mais com uma condição contínua.

Cada docente suporta de maneira individual e, diferentemente, a dor crônica. Experimenta meios paliativos, para amenizar o sofrimento. A tolerância à dor depende da capacidade de cada um e das circunstâncias em que vivem. É uma sensação desagradável no corpo e emocionalmente experienciada. Ferreira (1994) enfatiza que diversos elementos possuem influência sobre a dor, como a experiência cultural e individual do doente, suas sensações de dor física, representações sociais e significados sobre o corpo e doença. O indivíduo busca relatar uma dor no seu corpo por meio de expressões as quais favorecem uma compreensão de quem o escuta, pois experiencia uma sensação individual e a transmite de maneira que seja socialmente reconhecida.

A vivência com dor aguda e crônica ocasiona mudanças psíquicas e biológicas, atinge a capacidade para o trabalho e as atividades diárias. A manifestação deste fenômeno de dor abrange diversas dimensões como as sensoriais, socioculturais e afetivas (PIMENTA & PORTNOI, 1999). As professoras entrevistadas neste estudo vivenciam a dor crônica decorrente do trabalho como uma limitação em suas vidas e carregam consigo a tristeza de continuar trabalhando com dor. *Sempre o pulso reclama. O dedo, já é mais grosso. Vez por outra machuca mais. Independente de eu continuar nessa profissão, de mudar, de aposentar é pra vida toda (Paula, 47 anos)*. Algo que não será curado e exige o desenvolvimento de habilidades para conviver com o problema e continuar no exercício.

Atividades com esforço repetitivo foram reconhecidas por Porto et al (2004) como risco do trabalho docente, com inclusão da bursite e tendinite como alguns distúrbios musculares, nos estudos de prontuários referentes ao atendimento de docentes pelo Centro de Estudos em Saúde do Trabalhador - CESAT. Mango et al (2012) em pesquisa com professores, apresentaram relação dos sintomas osteomusculares, entre eles, as dores nos ombros, com o excesso de esforço repetitivo. As dores nos braços e ombros do docente podem ser resultantes da sobrecarga nestes membros superiores com movimentos repetitivos nas escritas e correções de atividades. A escrita no quadro requer a suspensão dos braços por longo período, o que pode acometer a articulação do ombro, como a bursite (DALLEPIANE & BIGOLIN, 2004). O Manual de Procedimentos para os Serviços de Saúde preconiza que a bursite e a tendinite são doenças do sistema musculoesquelético as quais causam dor com certa frequência,

resultante de processo inflamatório, o que pode ocasionar limitação ou incapacidade para as atividades cotidianas. Os distúrbios osteomusculares relacionados ao trabalho, em certos grupos ocupacionais, nos quais são exigidos esforços repetitivos e determinadas posturas corporais inadequadas, podem ser classificados como doenças relacionadas ao trabalho (BRASIL, 2001).

As professoras entendem que o trabalho exige esforço físico diante das atividades desenvolvidas e não conseguem alternativa que favoreça o desempenho das suas atividades laborais sem esta exigência. Percebem o adoecimento como parte do seu mundo cotidiano. O mundo da vida cotidiana destas professoras é intersubjetivo, experimentado e interpretado com suas experiências as quais são compartilhadas. Este mundo é “o cenário e também o objeto das ações e interações” (SCHUTZ, 2012, p.82).

A Voz das professoras

É uma **dor cansada nas cordas vocais**. [...] Sinto minha **voz mais fraca**. [...] E, às vezes, falava tanto pela manhã e ainda tinha que falar à tarde. Quando chegava a noite, não aguentava. **Não conseguia dormir de dor**. Às vezes, eu sem falar **sentia incômodo**. Dava **um nervoso, um desespero** assim, de sentir aquele **mal-estar** (Marta, 52 anos).

O problema relacionado à voz da professora Marta pode ser resultante do esforço na fisiologia da voz com muitas horas diárias de aulas, o que causava cansaço ao falar. Ela exercia quarenta horas semanais de aulas. Entretanto, mesmo nos momentos em que não utilizava a voz, sentia desconforto, o que pode estar subentendido como sinal de fraqueza daquela estrutura.

Os significantes utilizados por Marta apresentam evidências sobre o problema causado por seu trabalho. Assim, ela e outras professoras, nas narrativas de adoecimento expressam o incômodo decorrente da dor, do cansaço e do desgaste que as deixam impacientes, com desesperanças, descrenças e indisposições para o trabalho. Também o “nervoso” e o “desespero” relatados por Marta são sentidos por outras.

Para os docentes, a voz é um dos recursos fundamentais de trabalho para um bom desempenho da docência (ARAÚJO et al, 2008), o que torna esta prática um risco vocal com as exigências excessivas atribuídas à voz (GONÇALVES & OLIVEIRA, 2016). A persistência dos sintomas álgicos leva o indivíduo ao desgaste emocional e interfere negativamente nas responsabilidades diárias, principalmente aquelas com

tempo determinado (PALMEIRA et al, 2015). A agonia e o nervoso podem expressar diversos significados, desde comportamentos exteriores como não conseguir dormir, nem falar, e um misto de sensações de raiva, angústia e tristeza (RABELO, ALVES e SOUZA, 1999). A diversidade de significados é assumida pelo indivíduo de acordo com as particularidades das experiências no mundo social o qual é vivenciado como “uma rede de relações sociais, de sistemas de signos e símbolos” (SCHUTZ, 2012, p. 92).

“Os sentimentos de desintegração social e o medo de ficar doente e lhe faltar o reconhecimento que sempre lhe veio por meio do trabalho, marcam em primeiro lugar, o corpo e o espírito” (MINAYO, 2014, p. 254). No presente estudo, observa-se que a percepção do corpo doente unida à possível incapacidade devido às alterações do organismo deixam as professoras apreensivas.

O “desespero” que se referem pode estar relacionado ao fato de sentir aos poucos, a perda da voz, por algum momento. Com isso, há preocupação em não poder exercer suas atividades no dia seguinte em sala de aula e na vida pessoal. Também, ela se sente fragilizada diante da situação incomodativa para a qual não encontrava solução, apenas meios paliativos. A angústia está voltada para a doença, esta que pode desenvolver algum dano ao corpo, o qual é tido como força produtora de trabalho (DEJOURS, 1992). Na intersubjetividade há queixas diversas sobre o processo de adoecimento da voz, como “desgaste”, “cansaço”, “incômodo”, “mal-estar”, “rouquidão” “tosse seca” e “dores”. A intersubjetividade é vivenciada em situação de ‘familiaridade’ sob a forma do ‘nós’ ou com a terceira pessoa, o que permite compreender o outro como único em sua individualidade (MINAYO, 2014, p. 148). “Você pode ficar com isso para sempre”, quer dizer a dor de ser e sentir-se professor.

Da voz não saía uma palavra. [...] Dores assim... (passa a mão no pescoço), cansaço. [...] De vez em quando fico rouca. Pego atestado. Ontem mesmo eu fui (ao médico), passou remédio e me deu dois dias de atestado. É triste! (Simone, 51 anos).

O problema que está agravando é a voz. [...] Já aconteceu como se tivesse engasgado mesmo e, começa aquela tosse seca que eu tenho que pedir socorro. Olho para alguém, aí já sabe, tem que correr e me dá água. [...] **É um agravante** (Flávia, 48 anos).

O problema na voz das professoras é desfavorável e prejudicial, principalmente no que diz respeito ao desempenho de atividades na sala de aula. Isto fica evidente na

narrativa da professora Flávia ao relatar que é “um agravante”, o que compromete até mesmo a falta da voz em momentos de aula nos quais tem a necessidade de usá-la. Passa a ser nocivo à vida da professora, o que desencadeia o medo por estar em risco de não poder usar a voz, um dos instrumentos fundamentais da sua profissão. Neste contexto, os professores compõem um grupo de risco para problemas vocais, pois ocorrem alterações com grande frequência nesta categoria e estão relacionadas a diversos fatores ocupacionais (ARAÚJO et al, 2008).

Na atividade laboral da docência, a voz é primordial no discurso. Além disso, é um meio de identificação de informação, seja ela cultural, linguística ou outra, fortalecendo ou não a aplicabilidade e a confiabilidade da comunicação. A voz do professor agrava com os fatores relacionados às precárias condições acústicas do ambiente de trabalho, à constante exigência diante de determinado período de comunicação ademais do cansaço e do estresse (GUIMARÃES, 2004).

Sentimentos como o “medo da perda da voz”, vivenciados pelas professoras causam grande impacto em suas vidas. Surgem interferências desagradáveis nas atividades diárias, no quesito emocional e percebem o problema como limitante diante das necessidades da profissão. Exteriorizam parte de seus sentimentos e demonstram a vulnerabilidade na qual se encontram no momento em que a “voz falha”, a “voz não sai”. O que fazer nestes momentos, se é preciso falar e se sentem impossibilitadas? Pensam na responsabilidade dentro de uma sala de aula com certa quantidade de alunos com os quais precisam se comunicar. Tanto a professora Simone quanto a professora Flávia relataram que já perderam a voz na sala de aula.

Tem horas que vou falar mais alto, **a voz falha**. Falha mesmo. Quantas vezes na sala eu fui falar com os meninos, ia falar uma palavra, a voz falhava, **a voz não saía** (Simone, 51 anos).

Esse ano mesmo já aconteceu: Às onze horas da manhã, **a voz parou de vez** e eu só consegui voltar a falar às quatro horas da tarde. E **meu medo** é exatamente esse, **de faltar e não voltar** (Flávia, 48 anos).

O medo é o emudecimento. À medida que os docentes pensam em uma imprevisível perda de voz, podem surgir algumas reações como irritação, falta de autonomia, medo, dependência, ansiedade, tristeza e incapacidade. Estas reações acontecem por se sentirem fragilizados e incapazes diante do trabalho, sem saberem uma maneira de preservação da voz e até mesmo por pensar em se tornarem dependentes de outras pessoas no ato da comunicação (PARK e BEHLAU, 2009). A

angústia e a tristeza estão presentes na vida das professoras, ao vivenciar o sofrimento com o problema da voz. As preocupações e angústias são compartilhadas na intersubjetividade e representam parte do mundo social em que vivem (MINAYO, 2014). Ricarte, Bommarito e Chiari (2011) afirmam que os professores sentem as queixas vocais como uma limitação no exercício da função de docente.

Queixas psíquicas das professoras

Em 2010 **eu adoeci, o sistema nervoso se comprometeu**. Comecei a ficar muito **estressada**, nervosa. **O corpo doía**. [...] Até hoje estou lutando com isso. [...] Fiquei com aquela **coisa acumulada**, aquela **angústia**. Eu tinha que chorar no final do dia, porque **estava tudo preso**, passava o dia todo naquela escola. Alunos agitados. [...] Era aquela comida empurrada e angustiada (Amália, 45 anos).

Naquele período (seis anos) naquela escola, eu senti muita tristeza, angústia, aquela vontade de nem ir na escola; **desânimo**, eu senti muito. [...] E **o stress também, atingiu a saúde, o emocional**. Cheguei a comprar remédio, calmante para ansiedade, estava tomando para aguentar. Esse ano, pedi para me mudar de escola (Flávia, 48 anos).

As professoras vivenciam seus dias de trabalho com muitos sentimentos incomodativos. Sofrem, pois diariamente deparam com situações estressantes, principalmente relacionadas aos comportamentos dos alunos na sala de aula. E têm que suportar. Apresentam diversas queixas pelas quais experimentam o sofrimento psíquico. Expressam significantes, entre estes a “angústia”, a qual se faz presente até no momento do almoço de Amália, como “aquela comida empurrada e angustiada”. A vida diária da professora é caracterizada como “coisa acumulada”, “tudo preso”. Ela não podia expressar sua angústia no horário do trabalho, pois não havia tempo suficiente nem alguém com quem pudesse conversar e confiar. Aguardava o final do dia, momento em que passava na casa de uma amiga, conversava e chorava. Aquilo que “estava preso” e “acumulado” precisava ser colocado para fora por meio das conversas e choros. Ela precisava e queria trabalhar para ajudar a família e, ao mesmo tempo não estava suportando lecionar nos dois turnos “com classes de alunos indisciplinados”. Neste cenário, sem uma solução, a angústia ou aflição do trabalho, faz parte de sua vida diária. Sentidos que resultam de “um conflito intrapsíquico, isto é, de uma contradição entre dois impulsos inconciliáveis. É uma produção individual, cujas características só podem ser esclarecidas pela referência contínua à história individual” (DEJOURS, 1992, p. 63).

Para as professoras, as queixas referentes à emoção, como angústia, tristeza, “tudo preso” são também causadoras de alguns incômodos físicos, como a dor corporal, por exemplo. A dor é uma reação física voltada ao sofrimento do organismo. Pode ser resultante de uma sobrecarga física ou da somatização do sofrimento psíquico (DALLEPIANE & BIGOLIN, 2004). No caso de Amália, a dor no corpo é resultante do stress, da angústia e do nervoso. Tudo fica acumulado em sua vida, seu corpo e sua alma, sua emoção. As professoras interpretam e reinterpretem suas experiências vivenciadas no cotidiano como um círculo hermenêutico (MINAYO, 2014). Esta dor no corpo não é proveniente de fatores como o esforço repetitivo, discutido antes. Sente em consequência do sofrimento psíquico, como apresenta na fala de Amália “*Quanto mais eu ficava nervosa mais doía do lado esquerdo (do corpo) todo*” (Amália, professora). As professoras não se sentem satisfeitas no ambiente de trabalho. A insatisfação é uma carga de trabalho psíquica. Possui efeitos no registro mental e podem ocasionar desordens no corpo (DEJOURS, 1992).

O stress está constantemente presente na vida dessas docentes como consequência da interferência de fatores prejudiciais na escola, como o comportamento dos alunos, agressivos. “*Era muito estresse e cada ano aumentava. Cada ano piorava. Seis anos assim*” (Flávia, professora). O stress consiste “em uma experiência pessoal, muito desagradável, associada a sentimentos de hostilidade, ansiedade, tensão e frustração desencadeados por estressores no ambiente de trabalho” (SOBRINHO, 2012, p. 82). Alguns sintomas como excesso de cansaço e irritabilidade, ansiedade contínua, tensão muscular e distúrbios de memória em excesso, sem um motivo específico, estão relacionados à vivência de professores com o stress. Isto pode ocorrer devido à falta de expectativas de mudanças positivas no contexto de trabalho (GOULART JÚNIOR & LIPP, 2008).

Saber o que é capaz de gerar tensão e stress é uma das maneiras de buscar a prevenção. No caso do stress profissional, as mudanças realizadas em relação ao ambiente, às condições e ao tempo de trabalho pode favorecer a superação do problema (LIPP, 2012). Amália assumiu dois turnos de trabalho com turmas de alunos de ensino fundamental I, apenas por um ano (2010) e, logo que percebeu o adoecimento, mesmo diante da necessidade de ganhar mais, decidiu continuar sua atividade docente apenas com uma turma. Mesmo assim, os sintomas continuam a fazer parte de sua vida. Flávia, por sua vez, solicitou transferência de escola, visto que onde atuava estava sendo

ambiente gerador de stress. Neste sentido, o meio ambiente e a organização do trabalho possuem uma representação de hostilidade causadora de desequilíbrio e doenças. O adoecimento expressa, além de particularidades biológicas, também sociais e ambientais vivenciadas de maneira subjetiva pelo indivíduo. Há uma maneira como cada um experiencia esse fenômeno, com seus sentidos e significados (MINAYO, 2014).

As interferências dos problemas de saúde na vida pessoal e social das professoras.

Hoje eu me sinto péssima. Minha voz praticamente não sai direito. [...] E até para falar em casa, procuro evitar. No dia a dia, me atrapalha. Às vezes, saio junto com alguém, com as irmãs para bater papo, dar risada, quando é de noite, a voz já está cansada. [...] Em casa não falo muito. Às vezes, aponto assim (sinaliza o pescoço, segurando-o): - Me deixa quieta, não fala nada comigo (fala direcionada aos filhos em sua casa), (Simone, 51 anos).

A interferência do problema da voz ocorre na rotina diária, em atividades de lazer e convívio familiar e social. Na relação familiar, atinge principalmente os filhos. Ocorrem situações desagradáveis, pois a comunicação fica limitada e nem sempre há um entendimento por parte daqueles com quem a pessoa convive. Como exemplo, quando um filho da professora a chama e pede sua atenção, ela geralmente evita responder devido a falha na voz, gerando uma insatisfação no convívio familiar pela falta de diálogo. “[...] *E eles dizem: - Por que a senhora não respondeu que estava aqui, mainha? Eu digo: - Ô meu filho, eu nem posso falar alto*”. Diante deste relato, Simone demonstra um semblante de tristeza e afirma que o problema na voz a compromete muito no dia a dia, principalmente na relação com sua família. Assim como a disfonia, outros problemas de saúde decorrentes das atividades do trabalho docente também interferem na vida diária das professoras.

[...] Eu tinha dificuldade de fazer uma comida, de cortar uma verdura com a mão toda entevada. [...] A dor no ombro para fazer o serviço da casa, a dor no braço. E a voz? (semblante emocionado). [...] Chegava em casa, **estava tão desgastada, que nem queria sair para evitar conversar.** [...] **Tinha que calar, estava sentindo mesmo, a dor.** (Marta, 52 anos).

Eu faço pilates. Mas exercício assim (sinaliza o braço para cima e para trás), eu já sei que vai dar dor. E gosto de nadar também. Só que **eu não posso nadar como eu nadava antes**, eu sei que vai doer. [...] Quando eu vou estender roupa, hoje, eu subo num banco, ponho a roupa no ombro e vou colocando porque se eu esticar os braços, no final estou acabada, doendo demais (Paula, 47 anos).

As professoras, ao narrarem suas experiências de adoecimento, as representam através da dor e o comprometimento de membros superiores e da voz. Elas se veem em uma nova realidade na qual passam a experienciar sensações desagradáveis resultantes da dor e de limites impostos perante a incapacidade física. As mudanças apresentadas no sujeito com dor geram um estranhamento da família e dos amigos. O isolamento e a dificuldade em lidar com os acontecimentos da vida estão presentes no cotidiano de uma pessoa com dor crônica (LIMA e TRAD, 2007).

É uma experiência individual que faz parte da associação corpo-mente que está sempre presente como um dano, que mesmo sendo invisível é percebido pelo sujeito que a sente (LIMA e TRAD, 2008). De tal modo, os problemas de saúde decorrentes da profissão determinam limitações nas atividades cotidianas e provocam mudanças nas vivências diárias destas profissionais. A existência destas limitações ocasiona alterações na qualidade de vida afetando sentimentos, interferências no relacionamento pessoal e isolamento social.

É possível perceber que estas professoras possuem sentimentos que as colocam em desvantagem em relação a outras pessoas do seu meio social. Sabem que não estão saudáveis para corresponder às exigências do cotidiano. *“Eu fico triste porque influencia no relacionamento com meu marido. Vejo isso como um prejuízo”* (Amália, professora, 45 anos). O problema de saúde significa “prejuízo” na vida da professora, pois interfere na dimensão pessoal. O adoecimento é vivenciado no cotidiano e situa-se em diferentes contextos de interação social, com impactos negativos nos projetos de vida, o que exige empreendimento de esforços na busca por equilibrar a condição crônica na interação do contexto pessoal e social (CASTELLANOS, 2015).

Vejo esse problema **com tristeza**. [...] E outra coisa, dá tristeza se você ficar assim, porque **a gente não pode deixar aquilo dominar a gente**, porque senão dá depressão (Marta, 52 anos).

Eu fico de certa forma, triste, porque **limita a gente**. [...] Então, assim, restringiu porque em diversos aspectos, não só na vida profissional como pessoal, eu não posso fazer nada mais que machuca. (Paula, 47 anos).

As professoras exteriorizam sentimentos de fragilidade e aflição com as limitações. Sentem tristeza e angústia permanentemente. Mas, também é revelado o desejo de distanciamento dos problemas, ao expressar a dor como uma coisa externa.

Mas, ansiedade, medo e angústia, sofrimentos psíquicos que surgem no indivíduo internamente, motivados quase sempre por influências externas estão presentes no contexto do trabalho. De acordo com as angústias vivenciadas, a experiência do adoecimento envolve uma explicação baseada no senso comum, na maneira como cada indivíduo lida com determinada aflição e com os problemas do cotidiano relacionados ao processo de adoecimento (KLEINMAN, 1988).

Diante da experiência com os problemas de saúde que afetam suas rotinas, as professoras os interpretaram com novos sentidos. Também, conscientes que continuarão a conviver com esta experiência desagradável e têm que lidar com distúrbios que se tornam crônicos e ocasionam limitações em suas vidas. Esta experiência traz sentidos que formam uma rede de metáforas resultantes dos diversos campos da experiência (RICOUER, 1976, p. 76). Deste modo, o processo de adoecimento, pode ter uma significação relacionada ao prejuízo físico e psíquico, limitação e impossibilidade e/ou desânimo de continuar suas atividades cotidianas.

CONCLUSÃO

O adoecimento é vivenciado enquanto um evento que perpassa as diversas dimensões da vida das professoras. Os problemas de saúde que as atingem são de ordem física, como os distúrbios musculoesqueléticos e a disfonia da voz e, bem como, psíquicos: stress, ansiedade, e angústia. Elas sentem dificuldades em conviver com estes problemas os quais estão associados às condições de trabalho.

Os resultados deste estudo mostram a construção intersubjetiva do adoecimento como significados da experiência deste contexto conforme as expressões: limitação, incapacidade, tristeza, prejuízo e desejo de distanciamento destes problemas em suas vidas. O adoecimento traz impactos não só relacionados ao desempenho de suas atividades no âmbito da docência, mas também nos aspectos pessoal, familiar e social. Com determinados limites, elas buscam adaptações diárias a fim de conseguir a continuidade de sua rotina.

As narrativas sobre o adoecimento tornam-se parte da vida das professoras dentro de um contexto profissional, pessoal e social. A limitação é um componente vivenciado, o que as deixam sem perspectiva de soluções para o sofrimento na sua

profissão. O corpo limitado exige a criação de estratégias como maneiras de superação momentânea. A permanência dos problemas causa impactos na própria personalidade, nas atividades laborais e relações sociais. O reconhecimento dos problemas de saúde impostos pelo trabalho docente é capaz de gerar sensação de vulnerabilidade e fraqueza, o que traz o desafio da relação do corpo diante das necessidades de ordem pessoal ou social.

O estudo mostra a importância de ampliar discussões entre gestores públicos, principalmente da área educacional, sobre essa temática e ouvir os professores. As experiências com o adoecimento das professoras deve ser motivo para pensarem estratégias de ações que possam favorecer a prevenção de agravos e a promoção da saúde dos docentes bem como a valorização social destes profissionais.

REFERÊNCIAS

ALVES, P. C. **O discurso sobre a enfermidade mental. Saúde e doença: um olhar antropológico** / organizadores Paulo César Alves; Maria Cecília de Souza Minayo. – Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1994, 91-100.

ALVES, P. C; Itinerário Terapêutico e os nexos de significados da doença. ISSN 1517-5901 (online) **POLÍTICA & TRABALHO. Revista de Ciências Sociais**, nº 42, p. 29-43. 2015.

ARAÚJO, T. M. DE; REIS, E. J. F. B. DOS; CARVALHO, F. M; PORTO, L. A.; REIS, I. C; ANDRADE, J. M. Fatores associados a alterações vocais em professores. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, 24(6):1229-1238, jun, 2008.

ASSUNÇÃO, A. A; OLIVEIRA, D. A. Intensificação do trabalho e saúde dos professores. **Educação & Sociedade**. Campinas, vol 30, n. 107, p. 349-372, 2009.

BRANT, L. C; MINAYO GOMEZ, C. A temática do sofrimento nos estudos sobre trabalho e saúde. In: MINAYO GOMEZ, C; MACHADO, J. M. H; PENA, P. G. L.(Org.). **Saúde do Trabalhador na Sociedade Brasileira Contemporânea**. Rio de Janeiro. Editora Fiocruz, 540p., 2011.

BRASIL. Ministério da Saúde. Doenças relacionadas ao trabalho. **Manual de procedimentos para os serviços de saúde**. Brasília, 2001.

CANGUILHEM, G. **O Normal e o Patológico**. 4ª Edição. Editora Forense Universitária. Rio de Janeiro. 1995.

CASTELLANOS, M. E. P. Cronicidade: Questões e conceitos formulados pelos estudos qualitativos de Ciências Sociais em saúde. Cronicidade [e-book]: **Experiência de adoecimento e cuidado sob a ótica das Ciências Sociais** / Organizadores: Marcelo E.

P. Castellanos, Leny Alves Bomfim Trad, Maria Salete Bessa Jorge, Ilse Maria Tigre de Arruda Leitão. Fortaleza: EdUECE, 2015, 35-60.

DALLEPIANE, S; BIGOLIN, S. E; A presença de dor no cotidiano de professores da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – Unijuí. **Revista Contexto & Saúde**. Ijuí editora UNIJUÍ v. 3 n. 7 p. 231-239 jul./dez. 2004.

DEJOURS, C. **A Loucura do Trabalho: Estudo de psicopatologia do trabalho**. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 1992.

FERREIRA, J. **O corpo sígnico. Saúde e doença: um olhar antropológico** / organizadores Paulo César Alves; Maria Cecília de Souza Minayo. – Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1994.

FREITAS, M. C. S. **Agonia da fome** [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ; Salvador: EDUFBA, 2003. 281 p. ISBN 85-8906-004-7. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

FREITAS, C. E. S. DE. **Trabalho docente e saúde: efeito do modelo neoliberal**. Feira de Santana: UEFS Editora, 2013.

GIL, J. M. S; **É possível aprender da experiência? Os professores e a reiventação da escolar: Brasil e Espanha/ Célia Linhares (org.)**. – São Paulo: Cortez, 2001, p. 81-114.

GONÇALVES, B. G; OLIVEIRA, D. A. Saúde vocal e condições de trabalho na percepção dos docentes de Educação Básica. **Revista da FAEBA – Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 25, n. 46, p. 89-104, maio/ago. 2016.

GOULART JUNIOR, E; LIPP, M. E.N. Estresse entre professoras do ensino fundamental de escolas públicas estaduais. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 13, n. 4, p. 847-857, out/dez. 2008.

GUIMARÃES, I. Os problemas de voz nos professores: prevalência, causas, efeitos e formas de prevenção. **Riscos Ocupacionais**, vol. 22, nº 2, Julho/dezembro, 2004.

International Association for Study of Pain (IASP). Concensus development conference statement: the integrated approach to the management of pain. **Classification of Chronic Pain**. MERSKEY, H. e BOGDUK, N. Seattle: 1994.

KLEINMAN, A. Experience and Its Moral Modes: Culture, Human Conditions, and Disorder. The tanner lectures on human values. Delivered at Stanford University April 13-16, 1998.

LIMA, M. A. G. DE; TRAD, L. A. B. A dor crônica sob o olhar médico: modelo biomédico e prática clínica. **Caderno de Saúde Pública**. Rio de Janeiro, 23(11):2672-2680, nov, 2007.

LIMA, M. A. G. DE; TRAD, L. A. B.. Dor crônica: objeto insubordinado. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**. Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p. 117-133, jan-mar. 2008.

LIPP, M. E. N. **O stress do professor**. 7ª ed. Campinas, SP. Papyrus, 2012.

MANGO, M S M; CARILHO, M K; DRABOVSKI, B; JOUCOSKI, E; GARCIA, M C; GOMES, A R S. Análise dos sintomas osteomusculares de professores do ensino fundamental em Matinhos (PR). **Revista Fisioterapia em Movimento**. Curitiba, v. 25, n. 4, p. 785-794, out./dez. 2012.

MINAYO, M. C de S. **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. 16 ed. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2000.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14 ed. – São Paulo: HUCITEC, 2014.

NEVES, R. F.; NUNES, M. O. Incapacidade, cotidiano e subjetividade: a narrativa de trabalhadores com LER/DORT. **Interface – Comunicação, Saúde e Educação**, v.13, n.30, p.55-66, jul./ set. 2009.

PALMEIRA, A. T; MENEZES, P. F. A. DE; CASTELLANOS, M. E. P; IRIART, J. A. B; LIMA, M. A. G. DE; BARROS, N. F. DE. Narrativa sobre dor crônica: da construção do adoecimento à organização da vida com dor. Cronicidade [e-book]: **Experiência de adoecimento e cuidado sob a ótica das Ciências Sociais** / Organizadores: Marcelo E. P. Castellanos, Leny Alves Bomfim Trad, Maria Salete Bessa Jorge, Ilse Maria Tigre de Arruda Leitão. Fortaleza: EdUECE, 2015, p. 300-338.

PARK, K; BEHLAU, M. Perda de voz em professores e não professores. **Revista Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia**. 14(3): 463-9. 2009.

PIMENTA, C. A. M; PORTNOI, A. G. Dor e Cultura. In: CARVALHO, M. M. Dor: Um Estudo Multidisciplinar. **Summus**. São Paulo, 1999, p. 159 – 173.

PORTO L. A; REIS I. C; ANDRADE J. M; NASCIMENTO, C. R; CARVALHO, F. M. Doenças ocupacionais em professores atendidos pelo Centro de Estudos da Saúde do Trabalhador (CESAT). **Revista Baiana de Saúde Pública**. 2004, v. 28, n.1, p. 33-49.

RABELO, M. C. M; ALVES, P. C. B; SOUZA, I. M. A. Signos, Significados e Práticas Relativos à Doença Mental. **Experiência de doença e narrativa** [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1999. P. 43-74. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

REIS, E. J. F. B. DOS; CARVALHO, F. M; ARAÚJO, T. M. DE; PORTO, L. A; SILVANY NETO, A. M. Trabalho e distúrbios psíquicos em professores da rede municipal de Vitória da Conquista, Bahia, Brasil. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, 21(5):1480-1490, set-out, 2005.

REIS, E. J. F. B. DOS; ARAÚJO, T. M. DE; CARVALHO, F. M; BARBALHO, L; SILVA, M. O. Docência e Exaustão Emocional. **Educação e Sociedade**. Campinas, vol. 27, n. 94, p. 229-253, jan./abr. 2006.

RICARTE, A; BOMMARITO, S; CHIARI, B. Impacto vocal de professores. **Revista CEFAC**, São Paulo, 2011.

RICOUER, P. **Teoria da Interpretação. O discurso e o Excesso de Significação**. Edições 70, Brasil LTDA. Rio de Janeiro, 1976.

SCHUTZ, A. **Sobre Fenomenologia e Relações Sociais**. Edição e organização: Helmut T. R. Wagner. Petrópolis, RJ. Editora Vozes, 2012.

SILVA, G. T; CUNHA, C. R. T; COSTA, A. L. R. C DA; MARUYAMA, S. AYAKO T. Experiência de adoecimento e licença médica: O caso de uma técnica de enfermagem. **Revista Min de enfermagem**. 2013 jan/mar; 17 (1): 207- 215.

SOBRINHO, F. P. N. O stress do professor no ensino fundamental: o enfoque da ergonomia. **O stress do professor**/ Marilda Novaes Lipp (org.). 7ª ed. Campinas, SP; Papyrus, 2012, p. 81-94.

ARTIGO II

O ADOECIMENTO DE PROFESSORAS DA REDE PÚBLICA DE ENSINO E A RELAÇÃO COM O CONTEXTO DO TRABALHO DOCENTE.

Resumo: No trabalho docente há uma demanda de diversas funções imposta aos professores, os quais nem sempre conseguem correspondê-las. Além disso, condições precárias de trabalho contribuem para a desvalorização e insatisfação destes trabalhadores, o que pode favorecer o sofrimento e surgimento de problemas de saúde. Deste modo, pode ocorrer adoecimento físico e mental em consequência das condições vivenciadas. Este estudo tem como objetivo analisar como o contexto das condições gerais do trabalho pode influenciar nas experiências de adoecimento das docentes da Rede Pública de Ensino do município de São Miguel das Matas, Bahia. É um estudo exploratório de abordagem qualitativa com utilização de entrevistas narrativas para a produção de informações. Para a análise utilizou-se a abordagem hermenêutica em Paul Ricoeur. As categorias temáticas que destacam a influência das condições gerais do trabalho docente com o adoecimento das professoras foram: O gosto pela profissão e os conflitos na prática em sala de aula, as condições do trabalho e o adoecimento das professoras, a sobrecarga física e psíquica e, a relação família e escola. Desafios significativos são encontrados pelas professoras no cotidiano do trabalho docente. Este cenário com exigências e diversos fatores associados ao sofrimento e adoecimento das professoras, as levam a sentimentos de vulnerabilidade, além da vivência em ambientes com falta de condições dignas de trabalho, de apoio de gestão e da sociedade de modo geral.

Palavras-chaves: Condições de trabalho docente, Experiência, Adoecimento, Rede Pública de Ensino.

THE SICKNESS OF TEACHERS OF THE PUBLIC SCHOOL NETWORK AND THE RELATION WITH THE CONTEXT OF THE TEACHING WORK

Abstract: In the teaching work there is a demand of several functions imposed to the teachers, who do not always be able to correspond them. In addition, precarious work conditions contribute to the devaluation and dissatisfaction of these workers, which can favor the suffering and the emergence of health problems. In this way, physical and mental illness can occur as a result of the conditions experienced. This study aims to analyze how the context of general work conditions can influence the experiences of sickness of teachers of the Public School Network of the municipality of São Miguel das Matas, Bahia. It is an exploratory study of qualitative approach with the use of narrative interviews for the production of information. For the analysis the hermeneutic approach was used in Paul Ricoeur. The thematic categories that highlight the influence of the general conditions of the teaching work with the sickness of the teachers were: The taste for the profession and the conflicts in the practice in the classroom, the working conditions and the sickness of the teachers, the physical and psychic overload and the family and school relationship. Significant challenges are encountered by teachers in the daily work of teachers. This scenario, with demands and several factors associated with the suffering and illness of the teachers, lead them to feelings of vulnerability, as well as living in environments with a lack of decent working conditions, management support and society in general.

Key words: Teaching work conditions, Sickness, Experience, Public Education Network.

INTRODUÇÃO

O sistema educacional nas últimas décadas tem difundido novas práticas como formas de inovar o ensino, mas os docentes continuam submetidos às condições precárias de trabalho, como apresentamos neste artigo. Observa-se uma sobrecarga quando ocorre a participação na elaboração de projetos pedagógicos, a aceitação da transversalidade e o trabalho da gestão como parte das práticas e saberes no exercício do magistério. (OLIVEIRA, 2004). A remuneração, as condições de trabalho e a formação inicial e continuada são fatores que atingem a vida profissional da docência e afetam a valorização do docente (OLIVEIRA, 2013).

Os docentes, muitas vezes, encontram dificuldades na execução do trabalho pois há quantidade excessiva de alunos por classe e de tarefas a serem realizadas, diferentes perfis dos alunos somados à indisciplina e agressividade, condições salariais inadequadas, escassez de recursos pedagógicos e didáticos (OLIVEIRA, VIEIRA e AUGUSTO, 2014), bem como ocorre a submissão aos controles externos (OLIVEIRA, 2010). Por esta razão, muitos docentes se sentem inseguros e desassistidos tanto em relação à visão objetiva, com a falta de condições de trabalho, quanto subjetiva, por se sentirem pressionados a corresponder às demandas.

As exigências direcionadas aos docentes geram o aumento das suas funções e resulta na intensificação do trabalho que, somado às condições precárias (NORONHA, ASSUNÇÃO e OLIVEIRA, 2008) pode atingir a saúde e contribuir para o esgotamento físico e psíquico desta categoria (GOMES e BRITO, 2006). De acordo com a Constituição Federal de 1988, no artigo 196, “a saúde é direito de todos e dever do Estado, garantido mediante políticas sociais e econômicas que visem à redução do risco de doença e de outros agravos” (BRASIL, 2017).

Muitos docentes expressam sobre sua condição de saúde, mas há aqueles que silenciam e prosseguem com o trabalho até resultar na sua incapacidade para o desenvolvimento deste (GOUVÊA, 2016). Continua a saúde do professor sem uma atenção voltada à promoção e prevenção dos agravos. A saúde do trabalhador é definida na Lei 8.080/90, no artigo 6º, como “um conjunto de atividades que se destina à promoção e proteção da saúde dos trabalhadores e visa a recuperação e reabilitação da saúde dos trabalhadores submetidos aos riscos e agravos advindos das condições de trabalho” (BRASIL, 1990).

Os casos de adoecimento de docentes não são decorrentes apenas da falta de políticas em saúde e segurança do trabalhador relacionado à prevenção ou ao assistencialismo médico, mas, sobretudo, uma questão relativa à ausência de políticas de valorização dos profissionais da educação (GOUVÊA, 2016). O estudo sobre o adoecimento de docentes contribui para uma maior visibilidade do problema como uma questão social e de interesse de muitos. Neste sentido, o presente estudo tem como objetivo analisar como o contexto das condições gerais do trabalho pode influenciar as experiências de adoecimento das docentes do município de São Miguel das Matas, Bahia.

METODOLOGIA

Este estudo foi desenvolvido no município referido com docentes do Colégio Estadual de Ensino Médio e de escolas municipais de Ensino Fundamental. Por ter atuado na docência, neste município em estudo e conhecer professores que tem sofrido processos de adoecimento, houve o interesse em tentar entender como as colegas convivem com seus problemas de saúde decorrentes da atividade laboral e analisar como o contexto das condições gerais do trabalho pode influenciar nas experiências de adoecimento destas docentes do município.

Foi realizado um estudo exploratório a partir da pesquisa de abordagem qualitativa para responder aos objetivos diante de uma perspectiva epistemológica hermenêutica. Para Minayo (2014) a pesquisa qualitativa está voltada para o estudo dos valores, crenças, percepções, representações e significados resultantes das interpretações que o ser humano faz sobre a sua vivência diante do que sentem na realidade social vivenciada e partilhada.

As colaboradoras deste estudo são docentes que atuam na rede pública de Ensino Fundamental e/ou Ensino Médio do município. Para a identificação, houve um momento de contato com a Secretária Municipal de Educação para solicitação da carta de anuência e autorização da realização da pesquisa com os professores do município, além de obter informações sobre a ocorrência de adoecimento nesse grupo.

Estas informações foram registros significativos para o início da pesquisa. A pesquisadora entrou em contato com as docentes indicadas pela Secretária Municipal de

Educação e, diante da aceitação em participar da pesquisa, algumas delas informaram sobre colegas que também têm sofrido com alguns problemas de saúde relacionados ao contexto educacional. As entrevistas formaram a pluralidade de vozes das diversas professoras (MINAYO, 2014).

Esta produção de informações sobre corpo e adoecimento no trabalho foi realizada nos domicílios das professoras referidas, por ser este um local mais indicado por elas para melhor construção de suas narrativas. Também foi acordado sobre o horário mais adequado diante da rotina de cada uma das professoras para a realização das entrevistas. Participaram da pesquisa aquelas que têm sofrido problemas de saúde decorrentes do trabalho e aceitaram assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, exigido pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Faculdade de Medicina da Bahia da Universidade Federal da Bahia, para qual o projeto foi submetido e aprovado sob o Parecer Consubstanciado nº 2.136.696.

Aquelas que foram entrevistadas indicaram nomes de colegas docentes que passaram ou passam por processo de adoecimento relacionado à docência. Com isso, possibilitou a integração de participantes com perfis heterogêneos que fazem parte de grupos sociais diversos, mas com perfis de adoecimento associados com as atividades laborais da profissão que exerce.

Para a entrevista foi realizado um roteiro de questões para favorecer o diálogo com as professoras para que elas se sentissem próximas da pesquisadora e pudessem narrar livremente suas experiências diante do adoecimento decorrente de suas atividades laborais. As entrevistas foram realizadas individualmente e ocorreram no período de junho a setembro do ano de 2017, tendo sido gravadas com a utilização de um gravador de voz digital a fim de garantir de forma íntegra as vozes das participantes. Ainda no momento da entrevista, foram realizadas anotações em um caderno (diário de campo) sobre sinais e outros complementos semióticos da análise. Foram concluídas a partir do momento em que houve semelhanças nos discursos das participantes entrevistadas. As similitudes da linguagem se configuram como uma condição da intersubjetividade (MINAYO, 2000).

Os relatos foram transcritos na sua totalidade para assegurar a fidedignidade das informações. Os nomes das entrevistadas são fictícios para promover o sigilo e preservar suas identidades. Em seguida, foram realizadas intensas leituras dos

transcritos a fim de favorecer a organização de categorias a partir das temáticas que surgiram relacionadas aos relatos dessas docentes, de modo a analisar como o contexto das condições gerais do trabalho pode influenciar nas experiências de adoecimento das docentes do município.

A análise das narrativas foi realizada com base na perspectiva hermenêutica, apresentada por Ricoeur (1976), sobre a compreensão do texto e do contexto das vivências cotidianas do ser humano em uma interpretação próxima à realidade. A perspectiva hermenêutica contribui para a compreensão e interpretação dos significados produzidos pelos atores sociais com seus discursos resultantes da experiência subjetiva e intersubjetiva no ambiente em que convivem.

A teoria da interpretação proposta por Ricoeur na interpretação do mundo do texto favorece o entendimento sobre o que as professoras experienciavam com o adoecimento. Deste modo, a experiência vivenciada permanece reservada e, assim, ocorre a dialética de evento e significação. O evento, além de ser a experiência exposta e relatada é, também, a troca intersubjetiva diante do diálogo. O indivíduo explica seu problema de saúde e compreende-o enquanto uma continuidade, ou permanência, no trabalho (RICOUER, 1976).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com o interesse em buscar entender como o contexto das condições gerais do trabalho pode influenciar nas experiências de adoecimento das professoras, foram organizadas as seguintes categorias: O gosto pela profissão e os conflitos na prática em sala de aula; as condições do trabalho e o adoecimento das professoras; a sobrecarga física e psíquica e a relação família - escola.

O gosto pela profissão e os conflitos na prática em sala de aula

Eu não me vejo em outra profissão. Eu gosto de estar como professora. Mas ser professora nos dias de hoje está complicado, porque tentar ensinar alunos que não querem estar ali **é a tarefa mais difícil que a gente tem hoje**. Eles não querem aprender. [...] Na sala de aula, às vezes, **eu me sinto impotente** diante de várias situações. Da **falta de respeito deles** com o professor e entre eles (Flávia, 48 anos).

A docência é reconhecida pelas professoras como uma profissão na qual elas se dedicam e gostam de atuar. Sabem a importância do trabalho que exercem e reconhecem que não atuariam em outra profissão em substituição da docência. Entretanto, declaram que é desafiante o convívio com alunos que, na maioria das vezes, não valorizam e não têm interesse de estar naquele ambiente (escola), o que pode prejudicar tanto o desenvolvimento da aprendizagem como seu trabalho. O desrespeito por parte dos alunos na escola causa insatisfação a estas professoras. Muitas vezes, elas não sabem como reagir e reconhecem a fraqueza diante de diversas situações na sala de aula. Flávia sente-se “impotente” na convivência com alunos que não respeitam a ambiência escolar.

Não apenas a estrutura e os mobiliários caracterizam a sala de aula, mas, sobretudo as relações de autoridade, comunicação e hierarquia as quais estão presentes de maneira inevitável no dia a dia do ensino que nem sempre são percebidas (DUSSEL e CARUSO, 2003). Neste lugar, nem sempre as professoras conseguem exercer a autoridade diante das atitudes dos alunos, mesmo sendo estes que dão sentido ao trabalho do professor (FREITAS, 2013).

As professoras ao mesmo tempo em que assumem a aptidão pela docência, demonstram insatisfações frente aos desafios relacionados à vivência com os alunos na escola. *É um desafio grande. [...] Eles (alunos), parece que estão lá, obrigados, porque os pais obrigam* (Mariana, 35 anos). Apesar de gostar do trabalho que exercem e assumirem o compromisso com as atividades, as professoras se sentem fragilizadas com algumas queixas como o “nervoso”, “desmotivação”, “desânimo” e “angústia”.

Acho uma profissão muito bonita para formar o cidadão. [...] Eu gosto. Mas requer paciência e dedicação, porque o aluno já sai de casa, desmotivado, talvez porque os pais levam só por obrigação. [...] Eu já ensinei **meninos que eram indisciplinados. Me deixavam nervosa** (Amália, 45 anos).

Eu gosto. Me sinto realizada com essa profissão. Não me vejo fazendo outra coisa. Às vezes **dá um desgosto**, porque a gente ver **alunos desinteressados**. A gente prepara aula, faz coisas diferentes e têm aqueles que não querem nada, **isso desmotiva** (Marta, 52 anos).

É uma das profissões, assim, mais importantes. Só que o professor está sendo muito **deixado de lado**, e isso **nos frustra**. É uma **angústia**, na verdade. [...] Eu me sinto, em muitas salas (de aula), **desanimada**, porque eles (alunos) não querem fazer nada. Pouco acontece, pouco flui. Terrível! (Paula, 47 anos).

A vivência profissional do docente está voltada para dimensões reais e subjetivas associadas a sentimentos com o seu trabalho (GONÇALVES e OLIVEIRA, 2016). As professoras, no mundo intersubjetivo de vivências, compartilham as experiências com interpretações semelhantes relacionadas às práticas da docência. É possível buscar compreender o ser numa dimensão temporal e ir além, em um contexto de compreensão na sua historicidade (RICOUER, 1976). A profissão, ao mesmo tempo em que é percebida por elas, pela sua importância para a sociedade de modo geral, também é entendida por sentimentos negativos e sofrimento que atingem a saúde, levando estas profissionais a experimentar o adoecimento.

Alguns sentimentos e queixas exteriorizados pelas professoras estão relacionados com situações vivenciadas com alunos durante as aulas: o “nervoso” atribuído à indisciplina dos alunos; o “desgosto” e o “desânimo” relacionados ao desinteresse deles; a desmotivação causada pelo não reconhecimento por parte dos alunos; a “frustração” e a “angústia” devido o descaso para com o professor no desempenho de seu trabalho. Alguns sintomas como o cansaço mental, nervosismo e angústia são referências de problemas nos docentes. Características presentes neste contexto, como o desgaste nas relações professor-aluno e ambiente agitado estão associados a transtornos mentais (ARAÚJO e CARVALHO, 2009). “A raiva e a frustração são sentimentos que interferem desfavoravelmente na saúde física e mental” (MELEIRO, 2012, p. 17).

Na sala de aula, a relação entre professor e aluno está mais voltada para uma relação hierárquica. O docente define sobre o conhecimento que é trabalhado com os alunos, mas deve estar de acordo com as normas e planos da escola. No entanto, pode decidir sobre a maneira da relação professor com aluno: ser uma relação com mais igualdade ou mais hierárquica (DUSSEL e CARUSO, 2003). Neste contexto, o que fica evidente nas narrativas das professoras, é que elas criam estratégias e atividades para despertar o interesse dos alunos, mas nem sempre obtém um retorno positivo, com comportamentos dos alunos que demonstram, constantemente, um desvio de valores fundamentais, como o respeito, por exemplo.

O docente tem o aluno como o centro de sua atenção de forma constante. Não apenas com o objetivo de transmitir o conhecimento, mas para assegurar de maneira contínua muitos valores, como aqueles relacionados diretamente com a família

(FREITAS, 2013). *Antes você era mais valorizado e respeitado pelo seu aluno* (Paula, 47 anos). As professoras percebem que muitos valores vivenciados pelos alunos no passado, estão fragilizados.

Em relação ao comportamento dos alunos, a narrativa da professora Amália, a qual atua em uma escola da zona rural, revela que a realidade é semelhante à de escolas da zona urbana. Ocorre uma similaridade relacionada à falta de respeito ao professor e o desinteresse do aluno.

E antes, há muito tempo, tinha aquela coisa de a escola está na zona rural e ser diferente que aquela da zona urbana, aquele respeito pelo professor que às vezes era diferente da zona urbana. Mas hoje está tudo igual. Tanto faz na zona rural quanto na zona urbana está muito difícil (Amália, 45 anos).

As condições de trabalho e o adoecimento das professoras

O trabalho docente é realizado constantemente com exigências direcionadas aos professores, porém, os bons resultados neste processo não dependem apenas destes profissionais, mas também de condições favoráveis de trabalho que possam contribuir no desenvolvimento das atividades. *Fala de que você tem que atrair o aluno. [...] Tudo é exigido ao professor. E o que é que tem feito o sistema, para atrair o professor? Não tem feito nada, só cobrança. Isso desgasta* (Amália, 45 anos). A aprendizagem do aluno, muitas vezes, não atende aos resultados esperados pelo sistema educacional e é atribuída à qualidade do trabalho docente (DUARTE e OLIVEIRA, 2014). As exigências do sistema educacional desproporcionais às condições reais de trabalho (NORONHA, ASSUNÇÃO e OLIVEIRA, 2008), a baixa recompensa salarial da carreira, as condições precárias de trabalho e o baixo valor social da profissão, na maioria das vezes, influenciam na insatisfação (DUARTE e OLIVEIRA, 2014). Há escassez de equipamentos para o desenvolvimento das atividades na aula, excesso de alunos por classe, ausência de condições adequadas para o trabalho com alunos portadores de necessidade especiais, o uso do giz e falta de apoio de gestão.

Na escola pública você não encontra materiais para trabalhar. Quer utilizar um vídeo, as escolas não têm. Tem que ser aquele professor, oh, com um livrinho na mão (segura um livro). E é cobrado para fazer uma aula diferente. Fazer diferente, como? Tem uma televisão na escola para todo mundo utilizá-la. Quantas salas (de aula) funcionando? Então, recurso, infelizmente, a gente não tem (Flávia, 48 anos).

As condições materiais é um dos aspectos que influenciam no processo de trabalho docente (SOUZA e SOUSA, 2015). Ocorre excesso de cobranças, mas não são oferecidas condições necessárias para a realização do trabalho em sala de aula, o que pode contribuir para o sofrimento do docente (NORONHA, ASSUNÇÃO e OLIVEIRA, 2008). Fica na responsabilidade das professoras, a criação de estratégias para corresponder às exigências da escola com uma aula atrativa para os alunos, mas nem sempre conseguem e lamentam por isso. Compete a elas desenvolverem as aulas conforme suas possibilidades. A ausência de materiais pode levar a consequente limitação do trabalho (MARIANO e MUNIZ, 2006).

Outro fator que exerce uma influência no trabalho e adoecimento das professoras é a quantidade excessiva de alunos na sala de aula.

Você fala alto à vontade, ainda mais quando deparo com salas de aula cheia. Hoje a gente está com salas com **trinta e quatro alunos**. Eu acho inadmissível. É terrível! Ainda alunos que conversam muito, indisciplinados. [...] Eu dou aulas pela manhã, cinco turmas. À tarde, já estou **quase sem voz** (Flávia, 48 anos).

O excesso de alunos por classe dificulta o processo ensino-aprendizagem e pode causar um aprendizado ineficiente, além de favorecer o risco de adoecimento vocal nos docentes (GONÇALVES e OLIVEIRA, 2016). Há uma necessidade de esforço da voz para competir com as vozes dos alunos, estes que, agitados na sala de aula, assumem comportamentos que resultam em ruído. Bassi et al (2011) analisaram relatos de professores sobre o incômodo vocal causado por ruído na sala de aula e a necessidade de falar mais alto. Além de professores darem aulas por dois turnos ainda enfrentam ruídos competidores, visto como incomodativo.

Algumas queixas foram destacadas em pesquisas realizadas com professores entre elas, garganta seca, perda de voz, cansaço ao falar e tosse (FERREIRA et al, 2003) bem como rouquidão e dor na garganta (SILVANY NETO et al, 2000). Foram relacionadas ao processo de trabalho docente com o uso intensivo da voz, devido ao ato de falar com entonação alta em salas cheias. Estes dados da literatura indicam algumas causas do problema vocal nos docentes e correspondem a interpretação da professora Simone com seu problema de saúde: [...] *Sala cheia, às vezes, você pega sala superlotada. Comecei a sentir rouquidão constantemente, não conseguia dar aula (Simone, professora).*

Ramazzine (2016) enfatiza que o exercício praticado em excesso pelo trabalhador, não é saudável e acarreta danos. O docente tem no ofício o esforço da voz. “Admito que nenhum exercício infunde mais calor ao corpo do que o da voz. [...] Os pulmões se esforçam mais do que nas corridas com o movimento respiratório desigual exigido pelo canto, pela recitação e pela conferência” (RAMAZINE, 2016, p. 202). As professoras exercem seu trabalho sem uma capacitação para preservação da voz além de conviver com condições de trabalho que não contribuem para prevenção dos problemas vocais e outros.

A grande quantidade de alunos, também resulta em excesso de atividades a serem preparadas e corrigidas pelas professoras. Mariana, professora de Redação, faz cerca de setenta correções de textos por turma de alunos, a cada unidade, o que exige um excesso de esforço na mão e no braço da professora que lhe causa dor. Ramazzine (2016) afirma que os movimentos repetidos continuamente com a mão no processo da escrita, como realizavam os escribas, causa tensão dos músculos e perpassa todo braço.

Em um trabalho realizado por Ribeiro et al (2011) foi observado a relação da dor musculoesquelética nos membros superiores e costas dos professores com o excesso de esforço físico. A quantidade de aulas ministradas e o excesso de atividades a serem elaboradas e corrigidas exigem do docente o uso excessivo de músculos específicos, o que pode ocasionar desconforto e até mesmo uma lesão, o que proporciona a experimentação do evento algico. *Você escreve muito, elabora e corrige muitas provas, isso força, esse exercício repetitivo é que causa dor (Marta, 52 anos).*

Alunos com comportamentos diferenciados e com necessidades especiais podem interferir no desenvolvimento do trabalho docente. As professoras nem sempre conseguem ir ao encontro do aluno de maneira individualizada ou, não possuem formação complementar específica para determinado público.

Quando eu tive o **problema de saúde, do nervoso, da angústia**, a turma da manhã tinha 28 alunos. Então, eram 28 que, quase todos com déficit de aprendizagem, muito agitados, indisciplinados, que às vezes **eu chorava** (Amália, 45 anos).

Então, você pega uma sala heterogênea e tem que dar conta. [...] Às vezes você pega **aluno especial**. Eu tinha um, que até batia na gente, já bateu na diretora e vinha para cima de mim. Tomava remédio controlado. Ele surtava, ficava agressivo. E você não tem só ele. Tudo complica e **atinge sua saúde** (Simone, 51 anos).

A escola pública coloca os docentes frente a demandas que não correspondem à sua formação e têm que assumir funções as quais não são suas. (OLIVEIRA, 2004). Além da competência sobre os conteúdos das disciplinas, conhecimentos sobre o desenvolvimento dos alunos nos aspectos cognitivo, social e afetivo, ademais de habilidades para corresponder às necessidades sociais dos alunos (DUARTE e OLIVIERA, 2014). Com a escassez ou ausência de condições objetivas de trabalho, dificulta ao docente a criação de práticas de acordo com as necessidades dos alunos (NORONHA, ASSUNÇÃO e OLIVEIRA, 2008).

Neste aspecto, as professoras sofrem, pois não conseguem corresponder, sozinhas, à demanda exigida. Realizam um excesso de esforço para controlar a indisciplina dos alunos no momento das aulas. A indisciplina e a violência têm forte influência nas rotinas escolares e no trabalho docente. Os docentes, muitas vezes, se sentem incapazes de resolver determinadas situações e ocorre intensificação de sintomas, o que pode levar ao adoecimento (OLIVEIRA, 2014). Mais uma vez fazem parte da vida das professoras, a “angústia” e o “nervoso” resultantes da vivência com a indisciplina dos alunos. O “choro” da professora revela a fragilidade na qual encontra-se nos dias de aula na escola. Outro fator que contribuiu para alterações na saúde das professoras foi a utilização do giz.

O que mais influenciou (a disfonia) pra mim foi o quadro de giz e o pó do giz, foi um fator primordial e também sala muito cheia (Simone, professora, 51 anos).

Antigamente era giz. Acho que o giz agravava mais a voz. Hoje em dia já mudou, já é quadro branco. Foi uma melhoria também, uma conquista (Marta, professora, 52 anos).

A interferência do pó de giz durante as aulas atinge a saúde, principalmente em relação à voz, com tosse e rouquidão (SILVANY NETO et al, 2000). Algumas professoras podem ter problemas alérgicos ao giz e sentirem sua interferência na saúde. Ao mesmo tempo em que relatam sobre as consequências geradas pelo uso do giz, as professoras reconhecem o benefício com a mudança que ocorreu. Há uns dez anos houve a substituição do quadro de giz e do giz pelo pincel marcador e o quadro branco. Esta mudança favoreceu o alívio de sintomas relacionados à voz para aquelas que sofriam com o uso do giz. A professora Paula sabia que o ato de escrever e fazer correções dos textos dos alunos já havia comprometido a sua mão que escreve, mas por vários anos trabalhou com o uso do giz durante as suas aulas, o que exigia muito

esforço, pois o giz era áspero e com isso fazia força nos dedos e mão. Também demandava mais tempo de escrita no quadro, este, também não tinha uma boa qualidade que favorecesse a escrita, o que sobrecarregava o braço e o ombro. *“O giz requeria que a gente colocasse força porque ele é poroso e, foi isso” (Paula, 47 anos)*. Como conseguiria continuar seu trabalho? A quantidade de anos que a professora passou atuando com o uso do giz (aproximadamente quinze anos), contribuiu para a gravidade do problema no ombro e no braço.

Outro fator associado às condições de trabalho docente e considerado influenciador para o desânimo das professoras é a falta de apoio e respaldo da gestão. *Você não tem o apoio na escola. Eu já passei por situações de o aluno me afrontar dentro da escola e eu senti medo e ninguém fazer nada (Flávia, 48 anos)*. Sem o apoio dos gestores, as professoras se sentem desprotegidas diante das situações ameaçadoras. Também, ocorre a falta de apoio relacionada às dificuldades, principalmente quanto a problemas de saúde. Muitas vezes os gestores não se sensibilizam com as dificuldades pelas quais as professoras passam. Com isso, surge uma insatisfação, o que pode afetar a saúde. [...] *A gente não ver que o fulano (gestor) está sensível às suas situações. Então, a gente fica cada dia mais triste, mais desanimada (Amália, 45 anos)*. Os projetos da educação têm voltado sua atenção mais para a organização do sistema escolar e do ensino voltado para os conteúdos e o aperfeiçoamento dos recursos pedagógicos. Ocorre pouca atenção para a organização do trabalho docente, principalmente quanto ao esforço realizado pelos professores na execução dos projetos pedagógicos (NORONHA, ASSUNÇÃO e OLIVEIRA, 2008).

O professor não tem apoio. Na hora que adocece, adoceceu e acabou. Qual o apoio que o professor encontra? [...] E vai chegar uma hora que o professor não vai aguentar, porque são muitas exigências em cima do professor (Flávia, 48 anos).

Em geral, o esforço que os docentes exercem na sala de aula para superar os obstáculos que impossibilitam ou limitam o desenvolvimento das tarefas é considerado sob uma visão limitada da gestão e do sistema de ensino (NORONHA, ASSUNÇÃO e OLIVEIRA, 2008). Há uma distância em relação às preocupações do setor educacional, no que concerne à visão da gestão escolar com o trabalho e a saúde do docente. Desta, ocorre uma negação ou minimização dos sintomas sentidos pelos docentes e, sua presença é notada só a partir do momento que um problema alcança um estágio mais grave (ARAÚJO e CARVALHO, 2009).

Às vezes, a gente chega e se queixa do problema de saúde. As pessoas (gestores) só vão acreditar quando você estiver se arrastando (Amália, 45 anos). É perceptível o silêncio em relação à contrapartida da gestão pública em “ouvir” esta categoria quanto ao adoecimento. Deste modo, as professoras buscam meios pessoais de conviver com os problemas de saúde e elaboram estratégias para que possam continuar exercendo suas atividades na docência. É um desafio constante diante da realidade que as aflige. Ações preventivas têm sido criadas pelas próprias professoras como apresenta Paula, a fim de conseguir conviver com os sintomas causados pelo trabalho.

Eu tenho que ir limitando o corpo para não sofrer, se eu não quiser dor. Tudo que depender de suspender a mão mais alta, eu não faço. [...] Ponho uma compressa, tomo um analgésico, faço alongamento e aí com dois ou três dias volta ao normal (Paula, 47 anos).

O exercício da docência para estas professoras é marcado por limites sobre os quais o sofrimento e adoecimento é representado de forma constante. Há uma exteriorização de tentativas de superação com o objetivo de continuar o trabalho; este é tão importante quanto à superação diária das dores, da tristeza e da angústia como limitação em suas vidas. Neste sentido, a limitação é exteriorizada como uma manifestação do significado do adoecimento, que é modificado a partir da experiência da cronicidade vivenciada por cada uma delas (RICOUER, 1976).

A pressão psicológica por parte da gestão também é desagradável às professoras, como expressa Simone na sua narrativa sobre a pressão que já sentiu no trabalho por parte da gestão.

Já aconteceram momentos assim, que aquele **diretor fazia muita pressão** (psicológica). Não entender o professor. Você não fica assim, espontâneo, para trabalhar. [...] E atinge a saúde, porque você fica ali **angustiada, tensa**, aquele **ambiente não fica confortável para você trabalhar** (Simone, 51 anos).

Em todas as narrativas observa-se o uso da terceira pessoa para mostrar os problemas que afetam estas trabalhadoras. Isto significa um distanciamento do problema de si, com o descolamento para o outro e tornar comum o mesmo sintoma, permitindo uma interpretação da pluralidade de dificuldades que enfrentam. Assim, qualquer pessoa que vivencie sua sala de aula terá semelhantes problemas de saúde.

Desenvolver as atividades laborais em um ambiente tenso é estar suscetível ao adoecimento. A depender da prática de gestão desenvolvida nas escolas pode desencadear bloqueios na criatividade dos docentes, limites na autonomia e gerar interferências na criatividade dos alunos (ASSUNÇÃO e OLIVEIRA, 2009). Quando há flexibilidade por parte da gestão, favorece ao docente o desenvolvimento das tarefas dentro de um contexto de acordos de horários e atividades (GOMES e BRITO, 2006).

A desvalorização salarial também contribui para a desmotivação e angústia das professoras. *Se você for falar de retorno financeiro, ninguém pense nisso. Não é valorizado. (Paula, 47 anos)*. Há uma desesperança por parte da professora ao falar da questão salarial. Paula assume uma carga horária de vinte horas semanais por opção, pois teve a oportunidade de assumir quarenta horas de trabalho. Mas, segundo a professora Flávia, muitos exercem dupla jornada de trabalho pela necessidade de sobrevivência.

Tem professores aí trabalhando quarenta, sessenta horas. Ele dá conta de uma forma direito? Não, não consegue fazer um bom trabalho. Mas é a necessidade, porque você trabalhar só vinte horas enquanto professor é quase morrer de fome ou então só colocar a comida dentro de casa e mais nada (Flávia, 48 anos).

Fui ao médico, várias vezes. [...] Me indicou para eu ir a um fonoaudiólogo, mas nem fui porque atendia particular, sessões caras. O salário do professor não permite essa despesa. [...] E antes, eu trabalhava o dia todo, quarenta horas, não tinha voz que aguentasse. Hoje estou trabalhando só vinte horas. (Marta, 52 anos).

A baixa remuneração salarial dificulta o pagamento do tratamento e a professora continua no exercício de suas funções, o que pode agravar o problema de saúde. Não há outra oportunidade de trabalho na região. Uma alternativa é a redução da carga horária, o que gera insatisfação com baixo retorno salarial (PARK e BEHLAU, 2009). É notória a importância do papel do professor para o desenvolvimento social, mas não há o reconhecimento do trabalho deste profissional, o que é constatado com as precárias condições de trabalho e a desvalorização salarial nas redes de ensino (NORONHA, ASSUNÇÃO e OLIVEIRA, 2008). A professora Flávia assume a jornada de vinte horas de trabalho na rede pública de ensino e atua na direção de uma escola particular para melhorar sua renda financeira.

A sobrecarga física e psíquica

[...] Você chega em casa, está cansado, mas a **sua mente não desliga**. Tem atividade para corrigir e elaborar. Então, a sobrecarga de trabalho pode te trazer sequelas. (Mariana, 35 anos).

Outra vez, o outro (uma terceira pessoa) é convocada a vivenciar o cansaço da professora, para sentir sintomas com ela. A docência vai além dos muros das escolas no sentido em que a residência do professor está sempre com um espaço ocupado com as atividades docentes (SOUZA e SOUSA, 2015). Além de exigir um esforço dentro do ambiente escolar com aulas que os docentes devem ministrar diariamente, levam para casa muitas responsabilidades pertencentes ao trabalho, o que ocasiona na ocupação de horas de trabalho (MARIANO e MUNIZ, 2006). As professoras estão sempre com o pensamento voltado para o trabalho, mesmo nas suas residências, cansadas, sabem que é necessária a realização de atividades da escola. As expressões “a mente não desliga”, “tem uma cobrança”, “focado nos prazos” estão relacionadas à sobrecarga psíquica, ao peso do trabalho sobre a mente.

O problema também é a sobrecarga. [...] É muito trabalho, é **um desgaste**. Trabalhar com adolescentes e ter que falar muito, toda hora reclamando aluno, pedindo silêncio, aí, com o tempo, como não causar esse problema (de saúde)? (Marta, 52 anos).

Hoje a gente **tem uma cobrança** como se você tivesse que mostrar serviço. Você fica muito **focado nos prazos**, no que você precisa entregar. Então, **isso me sobrecarrega**. [...] A gente não tem tempo (Paula, 47 anos).

“Situações de sobreposição de tarefas podem explicar o cansaço físico, vocal e mental do docente” (ASSUNÇÃO e OLIVEIRA, 2009, p. 362). Sobrecarga é destacada nas expressões: “muita atividade para corrigir e elaborar, muito trabalho e focar nos prazos”. Para as professoras é um desgaste. Carga de trabalho se refere “à pressão externa, demanda de trabalho, sentida pelo professor como um peso sobre o corpo” (FREITAS, 2013, p. 195). A pressão relacionada ao tempo exigido para a realização das atividades pode prejudicar a criação de estratégias de autoproteção à saúde, no que concerne à exigência vocal, posturas inadequadas e esforço excessivo de membros específicos. Com a exigência de rapidez e agilidade nas atividades, falta tempo para o docente investir na aproximação do aluno e de suas necessidades, o que pode ocasionar a redução da qualidade do trabalho (ASSUNÇÃO e OLIVEIRA, 2009).

A sobrecarga é uma condição do trabalho docente presente nas narrativas e revela sua ligação com o surgimento de problemas de saúde nas professoras. Com o cansaço proveniente das atividades, vivenciam uma rotina que pode gerar tensão, stress

e sentimentos negativos, pois estão sempre na observação de prazos a serem cumpridos. Pode haver uma relação do estresse com o ritmo intenso do trabalho diante da alta exigência para realização de atividades e diversas tarefas mediante a imposição de cumprimento de metas na instituição escolar. Exige-se muito do profissional, tanto em nível emocional e físico, contribuindo para o desenvolvimento de sintomas conjugados ao estresse (GOULART JÚNIOR e LIPP, 2008). O cotidiano das professoras é intersubjetivo e compartilhado. Experienciam esse mundo comum de maneira muito semelhante, mesmo com suas experiências individuais, com seus ambientes subjetivos e seu mundo privado (SCHUTZ, 2012, p. 181).

Então, atividade que você precisa elaborar, pesquisar e corrigir, com certeza a maior parte você vai levar para casa. [...] Precisa dedicar esse tempo de dois dias, por exemplo, que você tem no final de semana, para isso, porque o tempo que você tem na escola não é suficiente (Mariana, 35 anos).

Há na escola, exigências que devem ser cumpridas. Se durante a semana, o tempo não for suficiente para corresponder às exigências das demandas escolares, as professoras se apropriam dos finais de semanas. O domingo é considerado um dia de descontentamento, haja vista o cotidiano do professor é invadido pelo trabalho (FREITAS, 2013). Ocorre interferência na vida pessoal o que causa cansaço e desânimo (GOMES e BRITO, 2006). Como relata Mariana, o final de semana seria para descansar e fazer outras atividades que não estejam voltadas para o trabalho, mas isto não acontece, na maioria das vezes. A vida das professoras fica limitada ao trabalho. É desgastante e interfere na vida pessoal e social.

A relação família e escola

A família não acompanha, **deixa tudo por conta do professor**, como se a gente fosse fazer milagre. **O professor fica com toda responsabilidade**. Quando a família está presente, as coisas são muito diferentes. (Marta, 52 anos).

Quando você faz uma reunião, os pais veem o que está acontecendo, mas não têm reação nenhuma. E até pais que chegam para a gente e dizem assim: - Eu não sei mais o que fazer (em relação aos filhos). E aí, essa bola joga pra quem? Se a própria família não sabe o que fazer. **Essa é a parte mais difícil, hoje**. Muito difícil! (Flávia, 48 anos).

A família, na maioria das vezes, não contribui para a educação das crianças e adolescentes. Como consequência, atinge a relação entre alunos e docentes, o que desencadeia a insatisfação destes profissionais (FREITAS, 2013). Os pais depositam na

escola e, principalmente no docente, a responsabilidade pela educação de seus filhos. Tudo isso é fonte geradora de stress que pode interferir na saúde do professor (MELEIRO, 2012). É possível perceber o desânimo das professoras em relação à participação e colaboração dos pais dos alunos para com o desenvolvimento e comportamento dos adolescentes na escola.

As professoras lamentam a falta de apoio da família dos alunos. Os pais não acompanham a educação dos filhos. Os comportamentos dos alunos assim como as dificuldades de aprendizagem muitas vezes podem estar ligados a fatores familiares e o meio em que vivem e convivem. A falta de suporte educacional da família para seus filhos é um fator que não pode ser resolvido apenas com iniciativas dos docentes, mas com esforços que incluem políticas públicas com o objetivo de melhoria das condições de trabalho e renda da população que encontra-se mais vulnerável na sociedade (OLIVEIRA, 2014).

As professoras exteriorizam sentimentos de fragilidade relacionados às dificuldades de aproximação entre escola e famílias dos alunos. Esta tarefa não deve ser dos docentes, apenas, mas também de gestores. Como apresentam as professoras nas entrevistas, a exigência é sempre direcionada a elas, como as responsáveis, não apenas pela aprendizagem dos alunos, mas também pelo comportamento destes. Elas se sentem sozinhas neste aspecto e sofrem com esta situação. Escola e família de alunos, muitas vezes estão em mundos sociais diferentes. Por isso, é imprescindível que ambas consigam seguir princípios na direção dos mesmos objetivos.

Muitas vezes, as diferenças de “mundo” não contribuem para uma parceria entre família e escola. “O mundo da vida cotidiana é interpretado com base no estoque de experiências prévias, nossas próprias experiências e aquelas transmitidas a nós por nossos pais e professores que opera como um esquema de referência” (SCHUTZ, 2012, p. 84). Os pais “não sabem o que fazer” em relação ao comportamento dos filhos e assumem a dificuldade neste processo de educação. E as professoras, o que podem fazer nessa situação? Mais uma vez, se sentem incapazes, sofrem e adoecem.

CONCLUSÃO

Estudar a relação entre as condições do trabalho docente e o adoecimento físico e psíquico de docentes torna-se necessário para o entendimento do processo saúde-doença neste contexto. As professoras sentem-se sobrecarregadas. Além disso, as

precárias condições de trabalho exigem um excesso de esforço físico e mental na realização das atividades escolares.

Com a ausência de apoio de gestão e das famílias dos alunos fica visível o não reconhecimento do trabalho docente, o que muitas vezes dificulta para as professoras a realização das atividades laborais. Desta forma, o sofrimento e o processo de adoecimento vivenciados pelas professoras tornam-se invisíveis por parte dos gestores e da sociedade de modo geral.

É importante pensar a articulação de medidas que favoreçam um ambiente de trabalho saudável considerando as necessidades dos docentes no desempenho de suas atividades. Assim, é necessária a criação de políticas públicas para a valorização do trabalho docente com ênfase voltada para as condições materiais e subjetivas de trabalho. É fundamental o reconhecimento do trabalho docente nas diversas dimensões como maneira de contribuir no processo de trabalho e na prevenção de agravos na vida destes profissionais.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, T. M; CARVALHO, F. M. Condições de trabalho docente e saúde na Bahia: Estudos Epidemiológicos. **Educação e Sociedade**. Campinas, vol 30, n. 107, p. 427-449, maio/ago. 2009.

ASSUNÇÃO, A. A; OLIVEIRA, D. A. Intensificação do trabalho e saúde dos professores. **Educação & Sociedade**, vol. 30, núm. 107, p. 349-372. Centro de Estudos Educação e Sociedade. Campinas, Brasil. 2009.

BASSI, I. B; ASSUNÇÃO, A. A; GAMA, A. C. C; GONÇALVES, L. G. Características clínicas, sociodemográficas e ocupacionais de professoras com disfonia. **Distúrbios da Comunicação**. São Paulo, 23(2): 173-180, agosto, 2011.

BRASIL. Brasil. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil** [recurso eletrônico]. -- Brasília: Supremo Tribunal Federal, Secretaria de Documentação, 2017. Acesso em 05 de fevereiro de 2018. Disponível em: <http://www.stf.jus.br/arquivo/cms/legislacao/Constituicao/anexo/CF.pdf>.

_____. Lei nº 8.080, de 19 de setembro de 1990. Acesso em 05 de fevereiro de 2018. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8080.htm.

DUARTE, A. W. B; OLIVEIRA, D. A. Valorização profissional docente nos sistemas de ensino de Minas Gerais e Pernambuco. Dossiê Temático: Trabalho docente e

Desenvolvimento Profissional. **Práxis Educacional**. Vitória da Conquista, v. 10, n. 17, p. 67-97, 2014.

DUSSEL, I; CARUSO, M. **A invenção da sala de aula: uma genealogia das formas de ensinar**. São Paulo: Moderna, 2003.

FERREIRA L. P; GIANNINI S. P. P; FIGUEIRA S; SILVA E. E; KARMANN D. F, SOUZA T. M. T. Condições de produção vocal de professores da prefeitura municipal de São Paulo. **Distúrbios da Comunicação**. 14(2):127-34, 2003.

FREITAS, C. E. S de. **Trabalho docente e saúde: efeito do modelo neoliberal**. Feira de Santana: UEFS Editora, 2013.

GOMES, L; BRITO, J. Desafios e possibilidades ao trabalho docente e à sua relação com a saúde. **Estudos e pesquisas em Psicologia**, UERJ, RJ, ano 6, n.1, 1º semestre de 2006.

GONÇALVES, G. B; OLIVEIRA, D. A. Saúde vocal e condições de trabalho na percepção dos docentes de Educação Básica. **Revista da FAEBA – Educação e Contemporaneidade**, v. 25, n. 46, p. 89-104, 2016.

GOULART JUNIOR, E; LIPP, M. E. N. Estresse entre professoras do ensino fundamental de escolas públicas estaduais. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 13, n. 4, p. 847-857, out/dez. 2008.

GOUVÊA, L. A. V. N de. As condições de trabalho e o adoecimento de professoras na agenda de uma entidade sindical. **Saúde Debate** - Rio de Janeiro, v. 40, n. 111, p. 206-219, OUT-DEZ 2016.

MARIANO, M. S. S; MUNIZ, H. P. Trabalho docente e saúde: o caso dos professores da segunda fase do ensino fundamental. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, UERJ, RJ, ano 6, n.1, 1º semestre de 2006.

MELEIRO, A. M. A. S. **O stress do professor. O stress do professor/** Marilda Novaes Lipp (org.). 7ª ed. Campinas, SP; Papirus, 2012, p. 11-28.

MINAYO, M. C de S. **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. 16 ed. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2000.

_____. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14 ed. – São Paulo: HUCITEC, 2014.

NORONHA, M. M. B; ASSUNÇÃO, A. A; OLIVEIRA, D. A. O sofrimento no trabalho docente: o caso das professoras da Rede Pública de Montes Claros, Minas Gerais. **Trabalho Educação e Saúde**, vol.6 n.1 Rio de Janeiro, Mar./Junho 2008.

OLIVEIRA, D. A; A reestruturação do trabalho docente: Precarização e flexibilização. **Educação e Sociedade**, Campinas, vol. 25, n. 89, p. 1127-1144, Set./Dez. 2004.

_____. Os trabalhadores da educação e a construção política da profissão docente no Brasil. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, n. especial 1, p. 17-35. Editora UFPR, 2010.

_____. As políticas de formação e a crise da profissionalização docente: por onde passa a valorização? **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 46, n. 32, p. 51-74, maio/ago. 2013.

OLIVEIRA, D. A; VIEIRA, L. F; AUGUSTO, M. H. Políticas de responsabilização e gestão escolar na educação básica brasileira. **Linhas Críticas**, vol. 20, n. 43, 2014, p. 529-548. Universidade de Brasília. Brasília, Brasil.

OLIVEIRA, J. F. DE. Políticas, gestão e trabalho docente: Diretrizes, avaliação, projetos e práticas docentes. **Didática e Prática de Ensino: diálogos sobre a Escola, a Formação de Professores e a Sociedade**. EdUECE - Livro 4. 2014. Disponível em: <http://www.uece.br/endipe.2014/ebooks/livro4>. Acesso em: 01 de Fevereiro de 2018.

PARK, K; BEHLAU, M. Perda de voz em professores e não professores. **Revista Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia**. 14(3): 463-9. 2009.

RAMAZZINE, B. **As doenças dos trabalhadores**; tradução de Raimundo Estrela. 3. Ed. São Paulo: 325p. FUNDACENTRO, 2016.

RIBEIRO, I. Q. B; ARAÚJO, T. M. DE; CARVALHO, F. M; REIS, E. J. F. B. Fatores ocupacionais associados à dor musculoesquelética em professores. **Revista Baiana de Saúde Pública**. v.35, n.1, p.42-64, 2011.

RICOUER, P. **Teoria da Interpretação. O discurso e o Excesso de Significação**. Edições 70, Brasil LTDA. Rio de Janeiro, 1976.

SCHUTZ, A. **Sobre Fenomenologia e Relações Sociais**. Edição e organização: Helmut T. R. Wagner. Petrópolis, RJ. Editora Vozes, 2012.

SILVANY-NETO, A.M; ARAÚJO, T. M. de; DUTRA, F. R. D; AZI, G. R; ALVES, KAVALKIEVICK, C.; REIS, E. J. F. B. Condições de trabalho e saúde dos professores da rede particular de ensino na Bahia. **Revista Baiana de Saúde Pública**, Salvador, v. 24, n. 3/4, p. 42-56, 2000.

SOUZA, E. C; SOUSA, R. C. Condições de trabalho docente, classes multisseriadas e narrativas de professoras no Território do Baixo Sul baiano: Significados e sentidos. **Currículo sem Fronteiras**. V. 15, p. 380 – 408, 2015.

CONSIDERAÇÕES GERAIS

Tendo em vista os desafios encontrados no trabalho docente e a relação com os problemas de saúde de docentes, este estudo empreendeu esforços a fim de compreender os significados que as professoras atribuem ao processo de adoecimento decorrente da atividade laboral e entender a relação entre as condições de trabalho docente e o adoecimento destas profissionais.

Os docentes têm a função não apenas de mediar o processo de conhecimento do aluno, mas irem além da sala de aula, a fim de uma relação articulada entre escola e comunidade. Além disso, é indispensável a participação na gestão e no planejamento escolar. No entanto, nem sempre as condições de trabalho são satisfatórias, o que exige um maior esforço dos docentes na realização das atividades.

As professoras conseguem controlar algumas questões relacionadas ao seu trabalho no que diz respeito às atividades realizadas dentro da sala de aula, porém, estão sempre suscetíveis a alta demanda de atividades, escassez de materiais, jornada de trabalho extensa e curtos prazos para a realização de atividades extraclasse, o que provoca o surgimento de efeitos negativos sobre sua saúde.

Mesmo com aptidão pela profissão, as docentes vivenciam seu cotidiano de trabalho em condições não satisfatórias. A intensificação do trabalho docente e sua precarização implicam na saúde física e mental destas profissionais levando-as às experiências do adoecimento. Diversos problemas de saúde são desencadeados nesta categoria como os osteomusculares, psíquicos e da voz. As professoras adoecidas expressam suas queixas e as significam como limitação e prejuízo resultantes das atividades laborais, acompanhada da descrença em relação à cura.

As docentes criam estratégias para superação dos limites impostos pelo adoecimento para continuidade no exercício da docência. Reconhecem suas fragilidades com problemas de saúde e, sobretudo, em períodos nos quais são intensificadas as atividades escolares, como períodos de avaliação, entre outros. É fundamental uma atenção dos gestores sobre as condições do trabalho docente a fim de contribuir no processo de promoção da saúde e prevenção de agravos relacionados ao trabalho docente.

REFERÊNCIAS GERAIS

ALVES, P. C. **A Experiência da Enfermidade: Considerações Teóricas**. Caderno de Saúde Pública. Rio de Janeiro, 9 (3): 263-271, jul/set, 1993.

_____. O discurso sobre a enfermidade mental. **Saúde e doença: um olhar antropológico**. Paulo César Alves; Maria Cecília de Souza Minayo (org.). Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1994, p. 91-100.

_____. Itinerário Terapêutico e os nexos de significados da doença. **Política & Trabalho - Revista de Ciências Sociais**, nº 42, p. 29-43, 2015.

ALVES, P. C; RABELO, M. C. Significação e Metáforas: aspectos situacionais no discurso da enfermidade. **Saúde & Comunicação: Visibilidades e Silêncios**. Organizadora: Aurea M. da Rocha Pitta. Editora HUCITEC. Abrasco. São Paulo, 1995.

ALVES, L. P; ARAÚJO, L. T. R; XAVIER NETO, J. A. Prevalência de queixas vocais e estudo de fatores associados em uma amostra de professores de ensino fundamental em Maceió, Alagoas, Brasil. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**. São Paulo, 35 (121): 168-175, 2010.

ARAÚJO, T. M. DE; REIS, E. J. F. B. DOS; CARVALHO, F. M; PORTO, L. A.; REIS, I. C; ANDRADE, J. M. Fatores associados a alterações vocais em professores. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, 24(6):1229-1238, jun, 2008.

ARAÚJO, T. M; CARVALHO, F. M. Condições de trabalho docente e saúde na Bahia: Estudos Epidemiológicos. **Educação e Sociedade**. Campinas, vol 30, n. 107, p. 427-449, maio/ago. 2009.

ASSUNÇÃO, A. A; OLIVEIRA, D. A. Intensificação do trabalho e saúde dos professores. **Educação & Sociedade**, vol. 30, núm. 107, p. 349-372. Centro de Estudos **Educação e Sociedade**. Campinas, Brasil. 2009.

BASSI, I. B; ASSUNÇÃO, A. A; GAMA, A. C. C; GONÇALVES, L. G. Características clínicas, sociodemográficas e ocupacionais de professoras com disфония. **Revista Distúrbios da Comunicação**. São Paulo, 23(2): 173-180, agosto, 2011.

BATISTA, J. B. V; CARLOTTO, M. S; COUTINHO, A. S; PEREIRA, A. M; AUGUSTO, L. G. S. O ambiente que adoce: condições ambientais de trabalho do professor do ensino fundamental. **Caderno de Saúde Coletiva**, 2010, Rio de Janeiro, 18 (2): 234 – 42.

BRAGION, Tânia A. A; FOLTRAN, Tânia R. F; PENTEADO, R. Z. Relações entre voz, trabalho e saúde: percepções de professores. **Revista Distúrbios da Comunicação**, 20 (3): 319-325. 2008.

BRANT, L. C; MINAYO GOMEZ, C. A temática do sofrimento nos estudos sobre trabalho e saúde. In: MINAYO GOMEZ, C; MACHADO, J. M. H; PENA, P. G. L.(Org.). **Saúde do Trabalhador na Sociedade Brasileira Contemporânea**. Rio de Janeiro. Editora Fiocruz, 2011.

BRASIL. Lei nº 8.080, de 19 de setembro de 1990. Acesso em 05 de fevereiro de 2018. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8080.htm.

_____. Ministério da Saúde. **Doenças relacionadas ao trabalho. Manual de procedimentos para os serviços de saúde.** Brasília, 2001.

_____. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2010. Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=292940&search=||info%EF5es-completas>. Acesso em 16 de novembro de 2016.

_____. Ministério da Saúde. SCNES/DATASUS. Disponível em: <http://cnes.datasus.gov.br/pages/estabelecimentos/consulta.jspo>. Acesso em 17 de novembro de 2016.

_____. Brasil. [Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil [recurso eletrônico]. -- Brasília: Supremo Tribunal Federal, Secretaria de Documentação, 2017. Acesso em 05 de fevereiro de 2018. Disponível em: <http://www.stf.jus.br/arquivo/cms/legislacaoConstituicao/anexo/CF.pdf>.

CANGUILHEM, G. **O Normal e o Patológico.** 4ª Edição. Editora Forense Universitária. Rio de Janeiro. 1995.

CASTELLANOS, M. E. P. Cronicidade: Questões e conceitos formulados pelos estudos qualitativos de Ciências Sociais em saúde. Cronicidade [e-book]: **Experiência de adoecimento e cuidado sob a ótica das Ciências Sociais** / Organizadores: Marcelo E. P. Castellanos, Leny Alves Bomfim Trad, Maria Salete Bessa Jorge, Ilse Maria Tigre de Arruda Leitão. Fortaleza: EdUECE, 2015, p. 35-60.

CARDOSO, J. P; RIBEIRO, I. Q. B; ARAÚJO, T. M; CARVALHO, F. M; REIS, E. J. F. B. Prevalência de dor musculoesquelética em professores. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, 12(4):604-614, 2009.

CARVALHO A. J. F. P, ALEXANDRE N. M. C. Sintomas osteomusculares em professores do ensino fundamental. **Revista Brasileira de fisioterapia.** Vol. 10, nº.1, p. 35-41, 2006.

DALLEPIANE, S; BIGOLIN, S. E; A presença de dor no cotidiano de professores da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – Unijuí. **Revista Contexto & Saúde.** Ijuí editora UNIJUÍ v. 3 n. 7 p. 231-239 jul./dez. 2004.

DEJOURS, C. **A Loucura do Trabalho: Estudo de psicopatologia do trabalho.** 5ª ed. São Paulo: Cortez, 1992.

DUARTE, A. W. B; OLIVEIRA, D. A. Valorização profissional docente nos sistemas de ensino de Minas Gerais e Pernambuco. Dossiê Temático: Trabalho docente e Desenvolvimento Profissional. **Práxis Educacional.** Vitória da Conquista, v. 10, n. 17, p. 67-97, 2014.

DUSSEL, I; CARUSO, M. **A invenção da sala de aula: uma genealogia das formas de ensinar.** São Paulo: Moderna, 2003.

FAVORETO, C. A. O.; CABRAL, C. C. Narrativas sobre o processo saúde-doença: experiências em grupos operativos de educação em saúde. **Revista Interface – Comunicação, Saúde, Educação**, v.13, n 28, p. 7-18, jan/mar. 2009.

FERREIRA, J. O corpo sígnico. **Saúde e doença: um olhar antropológico** / organizadores Paulo César Alves; Maria Cecília de Souza Minayo. – Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1994, p. 101-112.

FERREIRA L. P; GIANNINI S. P. P; FIGUEIRA S; SILVA E. E; KARMANN D. F, SOUZA T. M. T. Condições de produção vocal de professores da prefeitura municipal de São Paulo. **Revista Distúrbios da Comunicação**. 14(2):127-34, 2003.

FERNANDES, M. H; ROCHA, V. M; COSTA-OLIVEIRA, A. G. R. Fatores Associados à Prevalência de Sintomas Osteomusculares em Professores. **Revista de Saúde Pública**. 11 (2): 256-267, 2009.

FILLIS, M. M. A; ANDRADE, S. M; GONZÁLEZ, A. D; MELANDA, F. N; MESAS, A. E. Frequência de problemas vocais autorreferidos e fatores ocupacionais associados em professores da educação básica de Londrina, Paraná, Brasil. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, 2016.

FREITAS, M. C. S. **Agonia da fome**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ; Salvador: EDUFBA, 2003, p.281.

FREITAS, C. E. S de. **Trabalho docente e saúde: efeito do modelo neoliberal**. Feira de Santana: UEFS, 2013.

FREITAS, L. G; FACAS, E. P. Vivências de prazer-sofrimento no contexto de trabalho dos professores. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**. Rio de Janeiro, v. 13, nº 1, p. 7-26. 2013.

GARCIA, M. A. A; ODONI, A. P. C; SOUZA, C. S de; FRIGÉRIO, R. M. Idosos em cena: falas do adoecer. **Interface- Comunicação, Saúde e Educação**, v. 9, n. 18, p. 537 – 52, set/dez 2005.

GASPARINI, S. M; BARRETO, M; ASSUNÇÃO, A. A. Prevalência de transtornos mentais comuns em professores da rede municipal de Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, 22(12):2679-2691, dez, 2006.

GIL, J. M. S; É possível aprender da experiência? **Os professores e a reinvenção da escola: Brasil e Espanha/ Célia Linhares (org.)**. – São Paulo: Cortez, 2001, p. 81-114.

GOMES, L; BRITO, J. Desafios e possibilidades ao trabalho docente e à sua relação com a saúde. **Estudos e pesquisas em Psicologia**, UERJ, RJ, ano 6, n.1, 1º semestre de 2006.

GONÇALVES, G. B; OLIVEIRA, D. A. Saúde vocal e condições de trabalho na percepção dos docentes de Educação Básica. **Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade**, v. 25, n. 46, p. 89-104, 2016.

GOULART JUNIOR, E; LIPP, M. E. N. Estresse entre professoras do ensino fundamental de escolas públicas estaduais. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 13, n. 4, p. 847-857, out/dez. 2008.

GOUVÊA, L. A. V. N de. As condições de trabalho e o adoecimento de professoras na agenda de uma entidade sindical. **Revista Saúde e Debate** - Rio de Janeiro, v. 40, n. 111, p. 206-219, OUT-DEZ 2016.

GRILLO, M. H. M. M.; PENTEADO, R. Z. Impacto da voz na qualidade de vida de professore(a)s do ensino fundamental. **Pró-Fono. Revista de Atualização Científica**, Barueri (SP), v. 17, n. 3, p. 321-330, set.-dez. 2005.

GUIMARÃES, I. Os problemas de voz nos professores: prevalência, causas, efeitos e formas de prevenção. **Riscos Ocupacionais**, vol. 22, nº 2, Julho/dezembro, 2004.

JARDIM, R; BARRETO, S. M; ASSUNÇÃO, A. A. Condições de trabalho, qualidade de vida e disfonia entre docentes. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, 23 (10): 2439-241, out, 2007.

KARMANN, D. F; LANCMAN, S. Professor – Intensificação do trabalho e o uso da voz. **Revista Audiology, Communication, Research**. 18 (3): 162-70. 2013.

KLEINMAN, A. The illness narratives. Suffering, Healing and the Human Condition. Editora: Basic Books. 1988.

_____. Experience and Its Moral Modes: Culture, Human Conditions, and Disorder. THE TANNER LECTURES ON HUMAN VALUES. Delivered at Stanford University April 13-16, 1998.

LEAL, E. M; DABL, C; SERPA JR, O. D. A experiência do adoecimento em estudo de narrativas de pessoas com diagnóstico de transtornos do espectro esquizofrênico: um debate sobre a categoria a partir de achados de pesquisa. **Revista de Ciências Humanas e Sociais**. RJ, EDUR, vol. 36, 1, jul/dez, p. 55-67, 2014.

LIMA, M. A. G. DE; TRAD, L. A. B. A dor crônica sob o olhar médico: modelo biomédico e prática clínica. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, 23(11):2672-2680, nov, 2007.

LIMA, M. A. G. DE; TRAD, L. A. B.. Dor crônica: objeto insubordinado. **Revista História, Ciências, Saúde** – Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p. 117-133, jan-mar. 2008.

LIPP, M. E. N. **O stress do professor**. 7ª ed. Campinas, SP. Papirus, 2012.

MANGO, M S M; CARILHO, M K; DRABOVSKI, B; JOUCOSKI, E; GARCIA, M C; GOMES, A R S. Análise dos sintomas osteomusculares de professores do ensino fundamental em Matinhos (PR). **Revista Fisioterapia e Movimento**., Curitiba, v. 25, n. 4, p. 785-794, out./dez. 2012.

MARIANO, M. S. S; MUNIZ, H. P. Trabalho docente e saúde: o caso dos professores da segunda fase do ensino fundamental. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, UERJ-RJ, ano 6, nº 1, 1º semestre de 2006.

MELEIRO, A. M. A. S. O stress do professor. **O stress do professor**/ Marilda Novaes Lipp (org.). 7ª ed. Campinas, SP; Papirus, 2012, p.11-28.

MINAYO, M. C de S. **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. 16 ed. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2000.

_____. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14 ed. – São Paulo: HUCITEC, 2014.

NEVES, Y. M.; BRITO, J.; ARAÚJO, S. J. A.; DA SILVA, F. E. Relações sociais de gênero e divisão sexual do trabalho: Uma convocação teórico-analítica para estudos sobre a saúde das trabalhadoras da educação. In: MINAYO GOMEZ, C; MACHADO, J. M. H; PENA, P. G. L.(Org.). **Saúde do Trabalhador na Sociedade Brasileira Contemporânea**. Rio de Janeiro. Editora Fiocruz, 2011.

NORONHA, M. M. B; ASSUNÇÃO, A. A; OLIVEIRA, D. A. O sofrimento no trabalho docente: o caso das professoras da Rede Pública de Montes Claros, Minas Gerais. **Trabalho Educação e Saúde**, vol.6 n.1 Rio de Janeiro, Mar./Junho 2008.

OLIVEIRA, D. A; A reestruturação do trabalho docente: Precarização e flexibilização. **Educação e Sociedade**, Campinas, vol. 25, n. 89, p. 1127-1144, Set./Dez. 2004.

_____. Regulação educativa na América Latina: repercussões sobre a identidade dos trabalhadores docentes. **Educação em Revista** (Belo Horizonte). 44:209-27. 2006.

_____. Os trabalhadores da educação e a construção política da profissão docente no Brasil. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, n. especial 1, p. 17-35. Editora UFPR, 2010.

_____. Entrevista: a saúde do profissional e as condições de trabalho. **Revista Retratos da Escola**, Brasília, DF, v. 6, n. 11, p. 301-313, jul./dez. 2012.

_____. As políticas de formação e a crise da profissionalização docente: por onde passa a valorização? **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 46, n. 32, p. 51-74, maio/ago. 2013.

OLIVEIRA, D. A; VIEIRA, L. F; AUGUSTO, M. H. Políticas de responsabilização e gestão escolar na educação básica brasileira. **Linhas Críticas**, vol. 20, n. 43, p. 529-548. Universidade de Brasília. Brasília, Brasil. 2014.

OLIVEIRA, J. F. DE. Políticas, gestão e trabalho docente: Diretrizes, avaliação, projetos e práticas docentes. *Didática e Prática de Ensino: diálogos sobre a Escola, a Formação de Professores e a Sociedade*. EdUECE - Livro 4. 2014. Disponível em: <http://www.uece.br/endipe>. 2014/ebooks/livro4. Acesso em: 01/02/2018.

PALMEIRA, A. T; MENEZES, P. F. A. DE; CASTELLANOS, M. E. P; IRIART, J. A. B; LIMA, M. A. G. DE; BARROS, N. F. DE. Narrativa sobre dor crônica: da construção do adoecimento à organização da vida com dor. Cronicidade [e-book]: **Experiência de adoecimento e cuidado sob a ótica das Ciências Sociais** / Organizadores: Marcelo E. P. Castellanos, Leny Alves Bomfim Trad, Maria Salete Bessa Jorge, Ilse Maria Tigre de Arruda Leitão. Fortaleza: EdUECE, 2015, p. 300-338.

PARK, K; BEHLAU, M. Perda de voz em professores e não professores. **Revista Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia**. 2009; 14(3): 463-9.

PENTEADO, Regina Zanella. Relações entre saúde e trabalho docente: percepções de professores sobre saúde vocal. **Revista Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia**. [online], vol.12, n.1, pp.18-22. 2007.

PEREIRA, M. R. **O nome atual do mal-estar docente**. 1ª ed. Belo Horizonte, MG: Fino Traço, 2016.

PIERRET J. The illness experience: state of knowledge and perspectives for research. *Sociology of Health & Illness* Vol. 25 Silver Anniversary Issue 2003 ISSN 0141-9889, pp. 4-22. 2003.

PIMENTA, C. A. M; PORTNOI, A. G. Dor e Cultura. In: CARVALHO, M. M. Dor: Um Estudo Multidisciplinar. **Revista Summus**. São Paulo, 1999, p. 159 – 173.

PORTO L. A; REIS I. C; ANDRADE J. M; NASCIMENTO, C. R; CARVALHO, F. M. Doenças ocupacionais em professores atendidos pelo Centro de Estudos da Saúde do Trabalhador (CESAT). **Revista Baiana de Saúde Pública**. V. 28, n.1, p. 33-49, 2004.

PORTO, L A; CARVALHO, F M; OLIVEIRA, N F; SILVANY NETO, A M; ARAÚJO, T M; REIS, E J F B; DELCOR, N S. Associação entre distúrbios psíquicos e aspectos psicossociais do trabalho de professores. **Revista de Saúde Pública**, 40(5):XX-XX. 2006.

RABELO, M. C. M; ALVES, P. C. B; SOUZA, I. M. A. Signos, Significados e Práticas Relativos à Doença Mental. **Experiência de doença e narrativa** [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1999. p. 43-74. ISBN 85-85676-68 X. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

RAMAZZINE, B. **As doenças dos trabalhadores**; tradução de Raimundo Estrela. 3. Ed. São Paulo: 325p. FUNDACENTRO, 2016.

REIS, E F B; CARVALHO, F M; ARAÚJO, T M; PORTO, L A; SILVANY NETO, A M. Trabalho e distúrbios psíquicos em professores da rede municipal de Vitória da Conquista, Bahia, Brasil. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, 21(5):1480-1490, set-out, 2005.

REIS, E F B; ARAÚJO, T M; CARVALHO, F M; BARBALHO, L; SILVA, M O. Docência e Exaustão Emocional. **Revista Educação e Sociedade**, Campinas, vol. 27, n. 94, p. 229-253, jan./abr. 2006.

RIBEIRO, I. Q. B; ARAÚJO, T. M. DE; CARVALHO, F. M; REIS, E. J. F. B. Fatores ocupacionais associados à dor musculoesquelética em professores. **Revista Baiana de Saúde Pública**. v.35, n.1, p.42-64, 2011.

RICARTE, A; BOMMARITO, S; CHIARI, B. Impacto vocal de professores. **Revista CEFAC**, São Paulo, 2011.

RICOUER, P. **Teoria da Interpretação. O discurso e o Excesso de Significação**. Edições 70, Brasil LTDA. Rio de Janeiro, 1976.

SEPARAVICH, M. A. A; CANESQUI, A. M. Representações religiosas na experiência com a enfermidade: um estudo de caso. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, 32(3): 00024915, março de 2016.

SCHUTZ, A. **Sobre Fenomenologia e Relações Sociais**. Edição e organização: Helmut T. R. Wagner. Petrópolis, RJ. Editora Vozes, 2012.

SILVA, G. T; CUNHA, C. R. T; COSTA, A. L. R. C DA; MARUYAMA, S. AYAKOT. Experiência de adoecimento e licença médica: O caso de uma técnica de enfermagem. **Revista Mineira de enfermagem**. Jan/mar; 17 (1): 207- 215. 2013.

SILVANY NETO, A M; REIS, EJFB; ARAÚJO, T M; DUTRA, F; AZI, G; ALVES, R; KAVALKIEVICZ, C. Condições de trabalho e saúde de professores da rede particular de ensino de Salvador, Bahia. **Revista Baiana de Saúde Pública**, vol 24, p 42-56. 2000.

SOBRINHO, F P N. O stress do professor no ensino fundamental: o enfoque da ergonomia. **O stress do professor**/ Marilda Novaes Lipp (org.). 7ª ed. Campinas, SP; Papyrus, 2012. P. 81-94.

SOUZA, C. L; CARVALHO, F. M; ARAÚJO, T. M; REIS, E. J. F. B; LIMA, V. M. C; PORTO, L. A. Fatores associados a patologias de pregas vocais em professores. **Revista de Saúde Pública**. 45(5):914-21. 2011.

SOUZA, E. C; SOUSA, R. C. Condições de trabalho docente, classes multisseriadas e narrativas de professoras no Território do Baixo Sul baiano: Significados e sentidos. **Currículo sem Fronteiras**. V. 15, p. 380 – 408, 2015.

VALENTE, A. M. S. L; BOTELHO, C; SILVA, A. M. C. Distúrbio de voz e fatores associados em professores da rede pública. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**. São Paulo, 40 (132): 183-195, 2015.

VALLE, L. E. R; REIMÃO, R; MALVEZZI S. Reflexões sobre Psicopedagogia, Estresse e Distúrbios do sono do professor. **Revista Psicopedagogia**. 28 (87): 237-45. 2011.

APÊNDICES

APÊNDICE A – ROTEIRO DA ENTREVISTA NARRATIVA PARA AS PROFESSORAS DO ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO – QUESTÕES NORTEADORAS.

Nome :

Idade:

Nível de escolaridade:

Tempo de atuação na docência:

Nível de ensino no qual atua:

1 Sobre a profissão

O que você acha sobre a profissão que exerce? Como você se sente na sala de aula?

2 Sobre as condições de trabalho

Há fatores que podem influenciar no seu trabalho? Como isso acontece?

3 Sobre problemas de saúde/ processo de adoecimento relacionados ao exercício da docência:

Qual problema de saúde relacionado ao seu trabalho você já vivenciou ou vivencia?
Fale sobre essa experiência (o que mais influenciou nesse processo de adoecimento e de que maneira o problema interfere na sua vida)

4 Relação trabalho X Vida pessoal/ vida social

Seu trabalho exerce influência sobre sua vida pessoal?

O meio social/local influencia no seu trabalho, no adoecimento?

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA AS PARTICIPANTES DA PESQUISA



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA/FACULDADE DE MEDICINA
PROGRAMA DE PÓSGRADUAÇÃO EM SAÚDE, AMBIENTE E TRABALHO

**PROJETO DE PESQUISA:
EXPERIÊNCIAS DE PROFESSORES COM PROBLEMAS DE SAÚDE
RELACIONADOS AO EXERCÍCIO DA DOCÊNCIA.**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O senhor/ a senhora está sendo convidado (a) a participar de uma pesquisa sobre as experiências de professores com problemas de saúde relacionados ao exercício da docência. O objetivo é analisar os significados que os professores atribuem aos problemas de saúde vivenciados durante o exercício da docência. O motivo que nos leva a estudar está relacionado ao interesse da autora por já ter atuado no exercício da docência no município em estudo e conhecer professores que tem vivenciado muitos desafios no processo de trabalho os quais favorecem o surgimento de problemas de saúde nesta categoria profissional. A instituição responsável pela pesquisa é a Universidade Federal da Bahia, através do Programa de Pós-Graduação em Saúde, Ambiente e Trabalho da Faculdade de Medicina da Bahia. A entrevista será realizada pela pesquisadora assistente, Luzinete Oliveira Sales, mestranda, sob orientação da prof^a Dr^a Maria do Carmo Soares de Freitas. Sua participação na pesquisa é voluntária, ou seja, você só participa se e enquanto quiser. Se você não quiser participar, não haverá qualquer penalidade ou interferência em seu trabalho, área de atuação, inclusive na

relação com a pesquisadora ou a instituição. Você terá a liberdade de desistir a qualquer momento ao longo da pesquisa, sem prejuízo algum ao seu cuidado, conforme resolução do Conselho Nacional de Saúde (Resolução 466/12). O senhor/ a senhora responderá a uma entrevista, no local que melhor lhe convier, que apresenta perguntas sobre a sua experiência como professor (a) diante de algum problema de saúde que tem sido acometido em consequência do exercício da docência. A entrevista será gravada em um aparelho de áudio, e para isso, solicitamos a sua concordância. As observações que se fizerem necessárias nesse contexto serão realizadas em um caderno específico do estudo. O senhor/ a senhora poderá ter acesso, a qualquer tempo, às informações relacionadas à pesquisa, e se for o seu desejo, poderá solicitar esclarecimento de quaisquer dúvidas entrando em contato com a pesquisadora assistente Luzinete Oliveira Sales por meio do telefone (71) 98742 4589 e e-mail: nethybio@yahoo.com.br, com a orientadora prof^a Dr^a Maria do Carmo Soares de Freitas pelo e-mail carmofreitas@uol.com.br e pelo contato institucional através do telefone (71) 3283-5573 – Programa de Pós Graduação em Saúde, Ambiente e Trabalho pela Faculdade de Medicina da Bahia da Universidade Federal da Bahia, Largo do Terreiro de Jesus, Centro Histórico, CEP 40.026-010- Salvador, Bahia. Os riscos provenientes da pesquisa podem estar relacionados com a quebra de confidencialidade e com a possibilidade de produção de constrangimento ou desconforto diante de alguma pergunta da entrevista. Contudo, esses danos serão minimizados através da realização das entrevistas em local reservado no qual estará presente apenas o entrevistador e o participante da pesquisa e, o senhor/ a senhora é livre para não responder qualquer pergunta ou até mesmo desistir de participar da pesquisa sem necessitar de explicação. Suas respostas serão confidenciais e somente o senhor/ a senhora e os pesquisadores terão acesso a elas. Seu nome não será identificado em nenhum de nossos relatórios ou publicações que resultarão deste estudo, sendo para este fim utilizado um nome fictício. A pesquisadora estará disponível para o esclarecimento de dúvidas antes, durante e após o tempo da pesquisa. O senhor/ a senhora não será responsabilizado (a) por nenhum custo relacionado à pesquisa. As transcrições e gravações decorrentes dessa pesquisa ficarão arquivadas por 05 (cinco) anos em uma sala localizada na sede do Programa de Pós-Graduação em Saúde, Ambiente e Trabalho da Faculdade de Medicina da Bahia da Universidade Federal da Bahia. Este estudo foi avaliado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Medicina da Bahia, cujo contato é através do telefone (71) 3283-5564 ou pelo e-mail cepfmb@ufba.br, Largo do Terreiro de Jesus, s/nº - Centro

Histórico, CEP: 40.026-010, Salvador, Bahia. Caso o senhor/ a senhora concorde em participar da pesquisa, por favor, assine esse termo que tem duas vias, uma sua e outra da pesquisadora.

Data ____/____/____

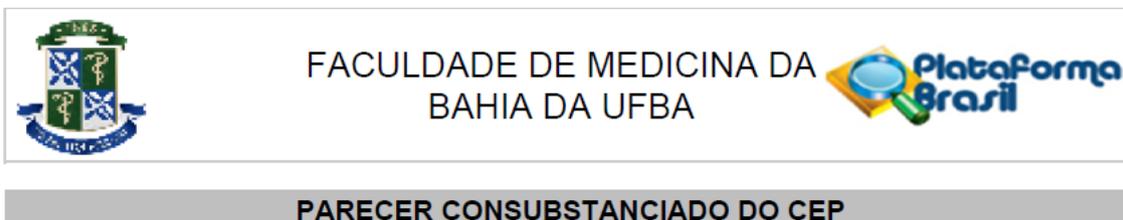
Assinatura do (a) participante

Data ____/____/____

Assinatura da pesquisadora

ANEXOS

ANEXO A - PARECER CONSUBSTANCIADO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA.



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Experiências de professores com problemas de saúde relacionados ao exercício da docência.

Pesquisador: Maria do Carmo Soares de Freitas

Versão: 1

CAAE: 69208417.5.0000.5577

Instituição Proponente: FACULDADE DE MEDICINA DA BAHIA

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.136.696

Apresentação do Projeto:

A autora do trabalho afirma que "visa analisar os significados que os professores atribuem aos problemas de saúde vivenciados durante o exercício da docência. Será realizado um estudo exploratório de abordagem qualitativa a partir de narrativas de professores com problemas de saúde acerca dos significados atribuídos por estes profissionais diante de suas experiências com o adoecimento relacionado à docência. A pesquisa será realizada no município de São Miguel das Matas, Recôncavo Sul da Bahia. O número de entrevistados será considerado satisfatório a partir do momento que houver semelhanças nos discursos dos participantes entrevistados". A pesquisadora afirma que "as narrativas serão transcritas, lidas e organizadas por temáticas. Serão analisadas por meio da hermenêutica dialética a fim de compreender os significados atribuídos pelos professores aos problemas de saúde decorrentes da atividade laboral".

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo geral

Analisar os significados que os professores atribuem aos problemas de saúde vivenciados durante o exercício da docência.

Objetivos específicos

Compreender os significados que os professores atribuem ao processo de adoecimento relacionado ao exercício da docência.

Analisar como o contexto das condições gerais do trabalho pode influenciar nas experiências de adoecimento do docente.

Analisar as experiências dos docentes a partir de seus discursos às interferências dos problemas de saúde ocasionados pelo exercício da docência.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos

Quebra de confidencialidade e com a possibilidade de produção de constrangimento e/ou desconforto diante de alguma pergunta da entrevista. Contudo, esses danos serão minimizados através da realização das entrevistas em local reservado no qual estarão presentes apenas o entrevistador e o participante da pesquisa. Também, em caso de desconforto e/ou constrangimento, o participante é livre para não responder qualquer pergunta ou até mesmo desistir de participar da pesquisa sem necessitar de explicação para o motivo pelo qual desistiu. Seu nome não será identificado em nenhum de nossos relatórios ou publicações que resultarão deste estudo, sendo para este fim utilizado um nome fictício.

Benefícios

Contribuirá para sensibilizar os gestores locais para criar possíveis estratégias voltadas para prevenir e promover a saúde dos professores, diante da valorização do trabalho docente através da escuta das falas relacionadas ao processo de adoecimento destes profissionais, sendo consideradas suas experiências diante da vivência com os problemas de saúde.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O projeto atende a todos os requisitos exigidos pela Resolução 466/12. Tem relevância social e respeita o que se considera eticamente desejável.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos os termos estão em conformidade com as exigências da Resolução 466/12:

Termo de Compromisso;

Cartas de Anuência;

TCLE;

Folha de rosto.

Recomendações:

Na indicação de como minimizar os riscos, informar onde e por quanto tempo as gravações ficarão arquivadas.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações: Sem pendências.

Situação do Parecer: Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP: Não

SALVADOR, 25 de Junho de 2017

Assinado por:
Eduardo Martins Netto
(Coordenador)

Endereço: Largo do Terreiro de Jesus, s/n

Bairro: Pelourino

UF: BA

CEP: 40.026-010

Telefone: (71)3283-5564

Largo do Terreiro de Jesus, s/n - PELOURINHO

ANEXO B - COMPROVANTE SUBMISSÃO DO ARTIGO

Luzinete Oliveira Sales:

Thank you for submitting the manuscript, "A EXPERIÊNCIA COM O ADOECIMENTO NA DOCÊNCIA: UM ESTUDO COM PROFESSORAS DO MUNICÍPIO DE SÃO MIGUEL DAS MATAS, BAHIA, BRASIL" to Sisyphus - Journal of Education. With the online journal management system that we are using, you will be able to track its progress through the editorial process by logging in to the journal web site: Manuscript URL: <http://revistas.rcaap.pt/sisyphus/author/submission/14250>

Jorge Ramos do Ó

Editor

Sisyphus - Journal of Education

Instituto de Educação da Universidade de Lisboa

Alameda da Universidade, 1649-013 Lisboa, Portugal.

+351 217943633 | sisyphus@ie.ulisboa.pt

revistas.rcaap.pt/sisyphus | www.ie.ulisboa.pt